



MININU DI KRIAÇON

ESTUDO EXPLORATÓRIO DA REALIDADE DAS CRIANÇAS CONFIADAS NA GUINÉ-BISSAU

FINANCIADOR:



UNIÃO EUROPEIA



MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

IMPLEMENTADORES:



A FEC é uma Organização Não Governamental para o Desenvolvimento. Existe desde 1990 por vontade da Igreja Católica em Portugal. Trabalhamos com comunidades e parceiros em Angola, Guiné-Bissau, Moçambique e Portugal, de modo a promover o desenvolvimento humano integral, com a visão de construirmos uma sociedade onde cada pessoa possa viver com dignidade e justiça (<http://fecong.org/>).

MININU DI KRIAÇON
ESTUDO EXPLORATÓRIO DA REALIDADE DAS CRIANÇAS CONFIADAS NA GUINÉ-BISSAU

FICHA TÉCNICA

Ficha Técnica

Título: Mininu di Kriaçon: Estudo exploratório da realidade das crianças confiadas na Guiné-Bissau

Autoria: FEC | Fundação Fé e Cooperação

Coautoria: Sofia Moniz Alves

Validação Científica: Graça S. Carvalho | CIEC - Universidade do Minho

Colaboração: Sandra Silva e Cadidjato Candé

Ilustração: Nuno Tavares

Revisão & Tradução: Carlos Rebelo

Design Gráfico: Maria Azevedo Coutinho

Paginação: Diogo Lencastre

N.º de Edição: 2ª Edição

Editor: FEC | Fundação Fé e Cooperação

Local de Edição: Lisboa

Data de Edição: Novembro de 2020 (2ª edição)

Tiragem:

Impressão:

ISBN:

Depósito Legal:

© FEC | Fundação Fé e Cooperação, 2018

FINANCIADOR:



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

IMPLEMENTADORES:



O conteúdo desta publicação é da exclusiva responsabilidade da FEC e não pode, em caso algum, ser considerada como expressão das posições da União Europeia, Camões - Instituto da Cooperação e da Língua e da Fundação Calouste Gulbenkian.

OH ÁFRICA, OH TABANKA, OH POVO¹

*Miskinha kasabi di nha gentis na lugar di povu
Miskinha kasabi di nha gentis na lugar di povu
Mininu di kriason, mininu di kriason*

Oh África, oh tabanka, oh povo

*Nha ermons na no Afrika i asim
Regulus ku si quintis, povu lá na se tabanka
Regulus ku si quintis, povu lá na se tabanka
Kada ken sibi di si kabesa
Bon kombersa fika na papel
Koitadi povu, koitadi povu*

*Oh África, oh tabanka, oh povo
Oh África, tabanka, oh povo*

*Si n bin lembra di maltratu ki África ta pasa
Si n bin lembra di maltratu ki África ta pasa
Pabia di dons di tchom
Vanguardia di povu
Koitadi povu
Koitadi povu*

Oh África, oh tabanka, oh povo

Koitadi povu, koitadi povu, koitadi povu

¹ Oh África, Oh Tabanca, oh Povo/ Lamento a desgraça da minha gente no lugar do povo/ Lamento a desgraça da minha gente no lugar do povo/ Filho de criação, filho de criação/ Oh África, Oh Tabanca, oh Povo/ Meus irmãos na nossa África é assim/ Régulos com os seus, o povo lá na sua comunidade/ Líder tradicional com os seus, o povo lá na sua comunidade/ Cada qual sabe de si/ Boa conversa é só no papel/ Coitado do povo, coitado do povo/ Oh África, Oh Tabanca, oh Povo/ se eu me lembrasse dos maus-tratos que a África passa/ Por causa dos donos da terra/ Segurança do povo/ Coitado do povo/ coitado do povo/ Oh África, oh Tabanca, oh Povo
(Letra: Zé Manel Fortes; Interprete: Eneida Marta)



ÍNDICE

SUMÁRIO EXECUTIVO / EXECUTIVE SUMMARY	9
INTRODUÇÃO	17
1. CRIANÇA CONFIADA”: CONCEITOS E PRÁTICAS.	19
1.1. Aspetos principais da prática da “confiança”	20
1.2. A realidade na África Subsariana e na Guiné-Bissau	22
2. METODOLOGIA.	25
2.1. Hipóteses de Estudo.	25
2.2. Amostra, instrumentos de recolha de dados e procedimentos	26
2.3. Entrevistas e codificação.	29
3. RESULTADOS & DISCUSSÃO	33
3.1. Caracterização da amostra.	34
3.2. Características dos “Filhos de Criação”	38
CONCLUSÕES & RECOMENDAÇÕES.	49
BIBLIOGRAFIA	53
ANEXO I: Ficha de Identificação do Filho e Família de Criação	55
ANEXO II: Guião de Entrevista aos “Filho de Criação” com e sem conhecimento.	57
ANEXO III: Guião de Entrevista às “Família de Criação”	59

ÍNDICE QUADROS

Quadro 1 – Categorias e perguntas divididas pela amostra “Filho de Criação” e “Família de Criação”	28
Quadro 2 – As subcategorias das 5 Categorias das amostras “Filhos de Criação” e “Família de Criação”	30
Quadro 3 - Caracterização dos “Filhos de Criação” por zona geográfica e por sexo.	34
Quadro 4 - Caracterização dos “Filhos de Criação” por Região/Setor de nascimento	35
Quadro 5 - Caracterização dos Filhos de Criação idade/escolaridade	36
Quadro 6 - Distribuição dos Filhos de Criação pelas idades em que foram confiados	37
Quadro 7- Caracterização do parentesco da criança com a Família de Criação	37
Quadro 8 - Regressão logística às variáveis que contribuem e caracterizam “Filhos de Criação”	38
Quadro. 9 - Distribuição de respostas da categoria C.1 “Ser Filho de Criação” – amostra “Filhos de Criação” e “Família de Criação”	39
Quadro. 10 - Conhecimento prévio da Família de criação e biológica (motivo e processo): Conhecimento – amostra “Filhos de Criação” e “Família de Criação”.	39
Quadro. 11 - Conhecimento prévio da “Família de Criação” e “Biológica” (motivo e processo): Motivo - amostra “Filhos de Criação” e “Família de Criação”	40

Quadro. 12 - Conhecimento prévio da “Família de Criação” e “Biológica” (motivo e processo): motivação para ser “Família de Criação” – amostra “Família de Criação”.	40
Quadro. 13 - Distribuição, por sexo da criança, dos motivos/motivações de ser confiada	41
Quadro. 14 - Percepção, atitudes e memória face à “Família Biológica” – amostra “Filho de Criação”	42
Quadro. 15 - Percepção, atitudes e memória face à “Família Biológica”: gostava de voltar para “Família Biológica” – amostra “Família de Criação”	42
Quadro 16 - Comparação entre amostra dos “Filho de Criação” com os “Não Filho de Criação” em 5 dimensões	43
Quadro 17 - Comparação entre amostra dos Filhos de Criação com os Filhos Biológicos em 5 dimensões	44
Quadro. 18 - Relação entre “Filho de Criação” e “Família de Criação”: tratam do mesmo modo – amostra “Filho de Criação” e “Família de Criação”.	45
Quadro. 19 - Presente e Futuro do “Filho de Criação”: Presente - amostra “Filho de Criação” e “Família de Criação”	46
Quadro. 20 - Relação entre “Filho de Criação” e “Família de Criação”: gosta da criança – amostra “Família de Criação”	46
Quadro 21 - Comparação entre os Filhos de Criação do sexo feminino e do sexo masculino em 5 dimensões	47
Quadro. 22 - Presente e Futuro do “Filho de Criação”: Futuro - amostra “Filho de Criação” e “Família de Criação”	48

SUMÁRIO EXECUTIVO

A “circulação” de crianças é uma temática que vem sendo estudada nos conceitos de *Fosterage* ou *Enfants Confiés*, por levantarem questões no que toca ao bem-estar e ao respeito pelos direitos das crianças. Os termos *Fosterage* ou *Enfants Confiés*, traduzido em português por Confiança ou Crianças Confiadas, definem a prática de uma família educar uma criança que lhe foi entregue. Por outras palavras, é o ato de transferência transitória, geralmente reversível, de uma criança para os cuidados de outra família.

Em África, concretamente na África Ocidental, a “confiança” é uma prática atual e recorrente que está presente nas várias culturas e etnias. Esta caracteriza-se essencialmente pela ação de confiar a criança a outros familiares que fazem parte da família alargada, isto é, as crianças confiadas não são descendentes diretos da primeira geração do chefe de família e/ou da(s) suas mulhere(s), mas mantêm algum grau de parentesco.

Muitas são as teorias que pretendem explicar a prática da “confiança”, porém, na base de todas elas está o facto de a “confiança” ser vista pelas famílias como um modo de regular e garantir a homeostasia entre a fertilidade (reprodução) e a sua capacidade de produção. Neste sentido, os principais aspetos da “confiança” são o envolvimento familiar, a solidariedade familiar face às dificuldades, o modo de aliança entre grupos e a escolarização. Estes aspetos possibilitam que as famílias, através da confiança, se mantenham mais coesas, sendo muitas vezes a família alargada o próprio sistema de proteção social para a família nuclear em momentos de crise. Igualmente, esta prática deposita na criança confiada a esperança desta ser motor de transformação da situação de dificuldade familiar.

É nesse sentido que muitas crianças são entregues a outras famílias para casarem ou para poderem estudar.

O estudo *Mininu di Kriason: Estudo exploratório da Realidade das Crianças Confiadas na Guiné-Bissau* insere-se na estratégia da ONGD Fundação Fé e Cooperação (FEC), no quadro dos eixos estratégicos da Governação e Advocacia e dos Direitos Humanos, em que a FEC tem vindo a reforçar a sua intervenção nos últimos anos nomeadamente através do Projeto Bambaran di Mininu : Observatório Nacional dos Direitos das Crianças na Guiné-Bissau Fase II, desenvolvido na Guiné-Bissau pela Caritas da Guiné-Bissau e pela FEC, com apoio financeiro da União Europeia e do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, IP. Este estudo surge na continuidade de outros já desenvolvidos sobre crianças na Guiné-Bissau e resulta da intervenção feita no campo da proteção e direitos das crianças guineenses pela FEC e parceiros, como seja “Crianças Irã: uma violação dos direitos da criança na Guiné-Bissau” (2015) e do “Relatório da situação da criança na Guiné-Bissau 2015/2016”. Os estudos contaram com a validação científica do Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC) da Universidade do Minho.

O presente estudo é um estudo exploratório e transversal (cross section) que tem como pergunta de partida “Em que medida ser “Filho de Criação” é um fator de risco para o bem-estar das crianças na Guiné-Bissau?”. Assim, o estudo pretende explicar a prática da “confiança” na Guiné-Bissau através da exploração do conceito “Mininu di Kriason” (crioulo da Guiné-Bissau) ou “Filho de Criação” (em português) e o quanto esta prática pode colocar em risco o bem-estar e os direitos das “crianças confiadas”.

Através de uma metodologia mista (recorrendo a métodos quantitativos e qualitativos), testaram-se quatro hipóteses de estudo: i) as variáveis sexo, idade, etnia, religião, orfandade, deficiência, ser “Criança Irã”, ser gêmeo e ter parentesco com o chefe de família determinam o ser “Filho de Criação”?; ii) há diferenças significativas entre os “Filhos de Criação” e os “Não Filhos de Criação” nas cinco dimensões de nutrição, proteção, educação, cuidado/abrigo e saúde?; iii) há diferenças significativas entre os “Filhos de Criação” e os restantes filhos biológicos da família de criação, quanto às dimensões de nutrição, proteção, educação, cuidado/abrigo e saúde?; iv) há diferenças significativas entre “Filhos de Criação” do sexo feminino e do sexo masculino, quanto às dimensões de nutrição, proteção, educação, cuidado/abrigo e saúde?

A partir de uma ampla amostra de 3489 crianças, identificaram-se 113 “Filhos de Criação” localizados em sete regiões da Guiné-Bissau, as quais constituem a amostra deste estudo. Na hipótese 1, foi usado o teste de regressão logística, uma vez que as variáveis dependentes são do tipo categórico. Na hipótese 2, 3 e 4, foi utilizado o teste *chi-quadrado de Pearson*, dado que se pretende analisar dois grupos distintos em cada hipótese. Em todos os testes usou-se um nível de significância a 95%.

Através da metodologia qualitativa, com o uso de guiões de entrevistas como instrumentos de recolha de dados e a técnica de análise de conteúdo das entrevistas, foram realizadas entrevistas a 93 crianças confiadas e suas respetivas famílias de criação, sendo o seu conteúdo analisado posteriormente. Os guiões de entrevista foram de três tipos; i) guião de entrevista à “Criança que tem conhecimento de que é “Filho de Criação”; ii) guião de entrevista à “Criança que não tem conhecimento de que é “Filho de Criação”; e iii) guião de entrevista à “Família de Criação”. Através do primeiro guião de entrevista pretendeu-se saber: a) a percepção da criança sobre a sua família biológica e sobre o motivo que a levou a

ser confiada a outra família; b) a percepção da criança sobre a família de criação; c) a perspetiva da criança sobre o seu quotidiano e sobre o seu futuro. Por sua vez, através do guião de entrevista à “Família de Criação” pretendeu-se conhecer a perspetiva da família de criação sobre si própria e sobre a família biológica da criança, a partir: a) das motivações que levaram a família a ser família de criação e da percepção da família quanto aos motivos que levaram a criança a ser confiada; b) da ligação existente (ou não) da família de criação com a família biológica da criança e a percepção que a primeira tem da criança face à sua família biológica. Também se quis apurar as atitudes e a percepção que a família de criação tem sobre o “Filho de Criação” e sobre a própria percepção da criança face à família de criação. Pretendeu-se, também, conhecer a perspetiva da família sobre o quotidiano e futuro da criança.

As perguntas de cada guião de entrevista formaram cinco categorias que são comuns aos três grupos (“Criança que sabe”, “Criança que não sabe” e “Família de Criação”) a saber: C.1 Ser “Filho de Criação”, C.2 Conhecimento prévio da família de criação e Biológica (motivo e processo), C.3 Percepção, atitudes e memória face à família biológica, C.4 Relação entre filho e família de criação”, C.5 Presente e Futuro do filho de criação. Estas categorias em comum permitiram facilitar a análise de conteúdo e entrecruzar a informação entre os grupos de modo a garantir a dinâmica relacional criança – família biológica – família de criação.

Na caracterização da amostra “Filhos de Criação”, verificou-se que 75,7% da amostra eram crianças do sexo feminino, enquanto apenas 24,3% eram do sexo masculino. Estas crianças tinham em média 11 anos, sendo que 48,6% residiam na Região de Oio. No que diz respeito à etnia e religião, 57% dos Filhos de Criação são de etnia balanta e religião animista. Verificou-se ainda que 13 “Filhos de Criação” eram órfãos, 5 padeciam de doença crónica, 2 eram “Criança Irã” e 1 era gêmeo.

No que diz respeito à caracterização das 72 “Famílias de Criação” da amostra, constatou-se que a média de idades do pai era de 47 anos e da mãe 39,5 anos. Referente à religião e etnia da amostra, 57,9% dos pais e 61,7% das mães eram de etnia balanta, e 44,9% das famílias eram animistas. No que diz respeito à escolarização, 43,5% das famílias não tem qualquer escolarização.

Na caracterização da relação “Filho de Criação” – “Família de Criação”, verificou-se que as crianças desta amostra foram confiadas em média aos 5 anos e encontravam-se nas famílias há 7 anos. No que diz respeito à existência de parentesco entre a criança confiada e a família de criação constatou-se que todas as crianças têm algum parentesco com os pais de criação, sendo que 57,9% têm parentesco com a mãe de criação e 42,1% com o pai. Por sua vez, 77,6% da amostra é sobrinho/a do pai ou da mãe de criação. Todas as crianças da amostra tinham conhecimento de que eram filhos de criação.

Através da análise dos resultados do estudo constatou-se que os seguintes fatores definem e caracterizam ser “Filho de Criação”: sexo feminino, sobrinha dos pais de criação, criança de 4 ou mais anos de idade, órfão (de pai/mãe ou ambos), criança deficiente ou doente e “Criança Irã”. Concluiu-se, ainda, que o termo “Filho de Criação”, usado na gíria guineense, partilha as mesmas características que definem os termos *Fosterage* ou *Enfants Confiés*.

Outra evidência do estudo é a relação existente entre as características acima referidas, que definem os “Filhos de Criação”, e os motivos e motivações que levam as famílias a confiar e acolher estas crianças. A necessidade de escolarização, o comprometimento para o casamento, a necessidade de ajuda por parte da família de criação nos trabalhos domésticos e a relação familiar existente entre família biológica e de criação, são fa-

tores que justificam que as crianças sejam do sexo feminino, com idade igual ou superior a 4 anos e tenham parentesco com a família de criação.

A partir das hipóteses 2 e 3 do estudo, na comparação da amostra “Filhos de Criação” com os “Não Filhos de Criação” e de “Filhos de Criação” com filhos biológicos da “Família de Criação”, verificaram-se diferenças significativas entre os grupos, o que pode ser devido aos pais de criação terem práticas diferenciadas entre os seus filhos biológicos e a criança que lhes foi confiada, questão que merece um estudo subsequente mais aprofundado. Esta diferenciação muitas vezes pode colocar em risco o bem-estar e o respeito pelos direitos da criança. Mas a diferenciação pode, também, ser positiva, na medida em que a família de criação garante o bem-estar da criança confiada.

O estudo levou-nos a concluir que, quer no plano familiar, quer no plano social ou mesmo legal, ser “Filho de Criação” na realidade da Guiné-Bissau pode ser uma situação de risco para a criança, uma vez que pode não estar assegurado o seu pleno desenvolvimento, a garantia do reconhecimento dos seus direitos. Através do estudo realizado pôde-se concluir também que a situação de criança confiada está, por vezes, associada a outras situações de violação dos direitos das crianças, como o casamento precoce e, muitas vezes, forçado, bem como a padrões familiares que alimentam estereótipos de género que condicionam e autodeterminam as crianças, principalmente as do sexo feminino, a determinados papéis na família e na sociedade. Na base destas violações à autodeterminação da criança e à sua dignidade, verifica-se que na Guiné-Bissau, tal como noutros Estados frágeis, o foco é colocado na importância da capacidade de produção da família e nesse sentido a criança passa a ser um canal (para a família biológica) e um elemento (para a família de criação) que tem como finalidade ser fonte de rendimento e de produção, isto é, mão-de-obra adicional. Nesse sentido, o microsistema familiar não é

um subsistema de proteção para a criança, mas sim um subsistema em que a própria criança tem que contribuir como elemento de suporte e de produção.

A investigação deixa igualmente pistas para estudos futuros, bem como recomendações de intervenção na área da proteção e dos direitos das crianças na Guiné-Bissau. No que diz respeito a futuras investigações, sugere-se a utilização de uma amostra mais alargada de “Filhos de Criação” e “Famílias de Criação”, e com uma abrangência geográfica maior, que inclua o Arquipélago dos Bijagós. Seria igualmente importante a realização de estudos longitudinais, não só pela reduzida literatura existente, mas também para melhorar o apuramento das possíveis consequências deste fenómeno na fase adulta. Tais estudos longitudinais permitirão, ao contrário dos transversais como o presente estudo, perceber os efeitos a longo prazo da “confiança”, através do acompanhamento do desenvolvimento das crianças confiadas. No âmbito familiar, será pertinente aprofundar as práticas parentais da família de criação como variável de estudo comparativo entre as crianças confiadas e os filhos biológicos da família de acolhimento, bem como a existência de diferenças entre pares por sexo. De igual modo, considera-se importante analisar a existência de padrões familiares na prática da confiança, como por exemplo, a replicação destes padrões por parte das crianças confiadas e filhos biológicos das famílias de criação.

No plano das recomendações para a melhoria de políticas públicas e de intervenção em proteção de crianças, incluindo as crianças confiadas, sugere-se a importância da existência de um código de proteção da criança, onde sejam agregadas todas as leis e regulamentações que dizem respeito à proteção, e, em particular, as leis de proteção das crianças em situações de risco. É importante que este código tenha em consideração as crianças em acolhimento temporário. Nesse sentido, existem propostas de lei (já aprovadas em Conselho de Ministros a 12/2017) para regulamentar as Famílias de Acolhimento Temporário e Regulamentação para Casas de Acolhimento de Crianças e Adolescentes, mas que carecem ainda de aprovação da Assembleia Nacional Popular. Por fim, e considerando o subsistema familiar como a base do sistema de proteção, considera-se urgente a implementação de programas de educação parental junto das famílias, de modo a garantir um sistema de proteção que assente nos três “P” (Proteção – Prevenção – Promoção).

EXECUTIVE SUMMARY

The “circulation” of children is a theme that has been studied within the concepts of Fosterage or Foster Children, since they raise questions regarding children’s rights and well-being. The terms Fosterage or Foster Children define the practice of a family educating a child that was entrusted to them. In other words, it is the act of temporary transfer, usually reversible, of a child to the care of another family.

In Africa, specifically in West Africa, “fosterage” is a current and reoccurring practice that is present in several cultures and ethnic groups. This practice is characterised by the action of handing over a child to other family members that are part of the extended family. Thus, the foster children are not direct descendants of the head of the family’s, and/or of his wives’, first generation, but they still have some degree of kinship.

Many theories intend to explain the practice of fosterage, however, on the basis of all of them is the fact that fosterage is seen by families as a way of regulating and ensuring the homeostasis between fertility (reproduction) and production capacity. In this sense, the main aspects of fosterage are family involvement, family solidarity when facing difficulties, alliance between groups, and schooling. These aspects give families, through fosterage, the possibility of strengthening ties, and the extended family is often the nuclear family’s system of social protection in situations of crisis. Likewise, this practice turns the foster child into a carrier of hope, someone who may solve the family’s difficult situation. Hence, many children are entrusted to other families in order to get married or study.

The study Mininu di Kriason: Exploratory Study of the Reality of Foster Children in Guinea-Bissau is part of the strategy of the NGDO Fundação Fé e Cooperação (FEC), within the strategic axes of Governance and Advocacy and Human Rights, on which FEC has been focusing its intervention in recent years, namely through the Project “Bambaran di Mininu: National Observatory for the Rights of Children in Guinea-Bissau - Phase II”, developed in Guinea-Bissau by Caritas Guinea-Bissau and FEC, with financial support from the European Union and Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, IP. This study follows on from other previous studies on children in Guinea-Bissau and results from the intervention made in the field of child protection and rights of Guinean children by FEC and its partners, such as “Children Iran: a violation of the rights of the child in Guinea-Bissau”(2015) and the “Report on the situation of children in Guinea-Bissau 2015/2016”. These studies were scientifically validated by the Research Center for Child Studies (CIEC) of the University of Minho.

The present study is an exploratory and cross-sectional study whose starting question is “To what extent is being a “Foster Child” a risk factor for the well-being of children in Guinea-Bissau?” Thus, the study aims to explain the practice of “fosterage” in Guinea-Bissau by exploring the concept of “Mininu di Kriason” (in Creole from Guinea-Bissau) or “Foster Child” and who much this practice may put at risk the well-being and rights of foster children. Through a combined methodology (using quantitative and qualitative methods), four hypothesis were tested: i) do the variables sex, age, ethnicity, religion, being orphan, disability, being an “Iran Child”, being a twin and having a degree of kinship with the head of the family determine being a foster child?, ii) are there significant differences between foster children and

the biological children of the foster family, regarding the five dimensions of nutrition, protection, education, care/shelter and health? iv) are there significant differences between female and male foster children, regarding the dimensions of nutrition, protection, education, care/shelter and health?

A number of 113 foster children were identified, from a wide sample of 3489 children, from seven regions of Guinea-Bissau, and defined as the sample of this study. In hypothesis 1, a logistic regression statistical model was used, because the dependent variables were of the categorical type. In hypotheses 2, 3 and 4, a Pearson's chi-square test was used, since there was a purpose of analysing two different groups in each hypothesis. In every test, a 95% level of significance was used.

Through a qualitative methodology, by using interview guides as instruments for data collection and the technique of interview content analysis, 93 interviews were made to foster children and their respective foster families, and their content was later analysed. There were three types of interview guides: i) guide to interview a child who knows that he/she is a foster child; ii) guide to interview a child who does not know that he/she is a foster child; iii) guide to interview the foster family. The first interview guide intended to assess: a) the perception of the child about his/her biological family and the reasons that led the family to entrust the child to another family; b) the perception of the child about the foster family; c) the perception of the child about his/her everyday life and future. On the other hand, the interview guide applied to the foster family intended to understand the perspective they had about themselves and about the child's biological family, taking into account: a) the motivations that led the family to become a foster family and their perception on the reasons that led the child to be entrusted; b) the existing connection, or absence thereof, between the foster family and the child's biological family, and the perception that the foster family had of the child regarding its biological family. There was also the purpose of asses-

sing the foster family's attitudes and perceptions towards the foster child, as well as the child's own perception on the foster family. Moreover, there was a purpose of understanding the family's perspective on the child's everyday life and future.

The questions of each interview guide formed five categories that are common to the three groups ("child who knows", "child who does not know", and "foster family"), namely: C.1 Being a foster child, C.2 Previous knowledge of the foster and biological families (reasons and process), C3 Perception, attitudes and memory regarding the biological family, C4 Relationship between the foster child and foster family. C5 Foster child's present and future. These common categories allowed for an easier content analysis and an information cross-check between groups, so as to guarantee the relational dynamics between child – biological family – foster family.

Within the sample of foster children, 75.7% were female and only 24.3% were male. These children were in average 11 years old and 48.6% lived in the Oio region. With regard to ethnicity and religion, 57% of the foster children were Balanta and had animist practices. Moreover, 13 foster children were orphans, 5 suffered from a chronic disease, 2 were witchcraft children and 1 was a twin.

Regarding the characterisation of the sample of 72 foster families, the average age of the father was 47 and of the mother 39.5. In respect to ethnicity, religion and literacy, 57.9% of the fathers and 61.7% of the mothers were Balanta, 44.9% of the families were animist, and 43.5% of the families had no schooling at all.

Concerning the relation foster child – foster family, the children in this sample were entrusted in average at the age of 5 and were already with their foster families for 7 years. Regarding the existence of a degree of kinship be-

tween the foster child and the foster family, it was concluded that all children had some type of kinship with their foster parents – 57.9% had a biological link with their foster mother and 42.1% with their foster father. Furthermore, 77.6% of the sample was a nephew or niece of the foster father or mother. All children of the sample knew that they were foster children.

From the analysis of the study results, it was concluded that the following factors define and characterise being a foster child: being a female, being a niece of the foster parents, being a child of 4 years old or more, being an orphan (of father/mother or both), a disabled or sick child, and a witchcraft child. In addition, the term “Mininu di Kriason”, used in Guinean slang, shares the same characteristics that define the terms *Fosterage* or *Enfant Confiés*.

Another conclusion of the study is the relation between the characteristics mentioned above, that define the foster children, and the reasons and motivations that lead the families to entrust and accept these children. The need for schooling, the commitment to wed, the need for help in the foster family's household chores and the degree of kinship between biological and foster families are factors that justify these children being female, aged 4 or more, and having a degree of kinship with their foster family.

From hypotheses 2 and 3 of the study, when comparing the samples “foster children” and “non-foster children”, on one hand, “foster children” and “biological children” from the same foster family, on the other, one can observe that there are clear differences between these groups. This fact may derive from the different attitudes that parents have towards their biological and foster children, an issue that deserves a subsequent and in-depth study. This distinction often puts at risk the child's well-being and rights. Nevertheless, the distinction can also be positive, to the extent that the foster family ensures the well-being of the foster child.

The study has led us to the conclusion that, on the family, as well as on the social and even legal dimensions, being a foster child in the context of Guinea-Bissau may put children at risk, since their full development and the guarantee that their rights are recognised are not secured. From this study, we can also conclude that the situation of the foster child is linked to other situation of children's rights violations, such as early marriage, and often forced marriage, and family patterns that feed gender stereotypes that condition and self-determine children, especially girls, to specific roles in the family and in society. On the basis of these violations of the child's self-determination and dignity, it can be observed that, in Guinea-Bissau, as in other fragile States, the focus is placed on the family's production capacity. Thus, the child becomes a channel (to the biological family) and an element (to the foster family) with the purpose of being a source of income and production - that is, additional labour force. Hence, the family microsystem is not a subsystem of protection to the child, but rather a subsystem in which the child has to contribute as a support and production element.

The research also gives clues to future studies, as well as recommendations for intervention in the areas of children's rights and protection in Guinea-Bissau. With regard to future investigations, the use of a wider sample of foster children and foster families is suggested, as well as a wider geographical region that may include the Archipelago of Bijagós. It would also be important the preparation of longitudinal studies, not only because of the scarce literature using this methodology, but also to improve the assessment of possible consequences of this phenomenon in adult life. Such longitudinal studies may provide, unlike cross-sectional studies such as this one, a better understanding of the long-term effects of fosterage, by monitoring foster children's development over time. In the family dimension, it would be interesting to develop studies on the foster families' parental practices, as it is an important issue for the comparative study between foster and biological children within the same foster family, as well as the existence of differences

between peers by gender. Likewise, it is important to analyse the existence of family patterns on the practice of fosterage, such as the replication of these patterns by foster and biological children of the foster families.

The recommendations for the improvement of public policies and for the intervention in child protection include the creation of a child protection law code, where all laws and regulations concerning child protection, and especially laws for the protection of children at risk, may be compiled. Moreover, this code should take into consideration children in temporary foster care. In this sense, there are draft laws (already approved by the Council of Ministers in December 2017) to regulate Temporary Foster Care Families and Regulations for Child and Adolescent Foster Homes, but they still need to be approved by the country's Parliament. Lastly, considering the family subsystem as the basis for the protection system, it is urgent to implement parenting education programmes with families, in order to ensure a protection system based on the "P" triad (Protection – Prevention – Promotion).

INTRODUÇÃO

O estudo *Mininu di Kriason: Estudo exploratório da Realidade das Crianças Confiadas na Guiné-Bissau* insere-se na estratégia FEC, no quadro dos eixos estratégicos da Governação e Advocacia e dos Direitos Humanos, em que a FEC tem vindo a reforçar a sua intervenção nos últimos anos. Este estudo surge na continuidade de outros já desenvolvidos sobre crianças na Guiné-Bissau e resulta da intervenção feita no campo da proteção e direitos das crianças guineenses pela FEC e parceiros, como seja “Crianças Irã: uma violação dos direitos da criança na Guiné-Bissau” (2015) e do “Relatório da situação da criança na Guiné-Bissau 2015/2016” Os estudos contaram com validação científica do Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC) da Universidade do Minho.

O *Fosterage* ou *Enfants Confiés* são termos que vêm a ser utilizados e estudados há já algum tempo no contexto da circulação de crianças (Dahiré, 2006; Dehusses, 2005; Vandermeersch, 2002). Desde as sociedades pré-modernas europeias até aos nossos dias e em países da África Ocidental, a prática de confiar os filhos aos cuidados de outros, tem levantado várias questões a investigadores no que toca ao bem-estar e ao respeito pelos direitos das crianças envolvidas (Anderson, 2004; Beck et al., 2014; Jacquemin, 2000; Parkes, 2006).

Através do trabalho desenvolvido na promoção e proteção das crianças na Guiné-Bissau, muitos são os relatos feitos pelas comunidades locais da existência de *Mininu di Kriason* (em crioulo da Guiné-Bissau), isto é, “Filhos de Criação” (em português). A partir do Relatório da Situação da Criança na Guiné-Bissau 2015/2016 (FEC, 2017), em que se avaliaram e

monitorizaram 3489 crianças de 7 regiões da Guiné-Bissau, foi identificada uma amostra de 113 crianças chamadas “Filhos de Criação”.

O presente estudo, “*Mininu di Kriason: Estudo Exploratório da Realidade das Crianças confiadas na Guiné-Bissau*”, pretende explicar a prática da confiança, que se entende neste estudo como a entrega de uma criança a outra família (tradução do termo *Fosterage*) e os riscos que esta prática pode acarretar para o bem-estar da criança confiada. O estudo será previamente enquadrado num suporte teórico que tem o objetivo de rever e definir o conceito da “criança confiada” prevendo-se como figura conceptual mais próxima do termo “Filho de Criação” no contexto da Guiné-Bissau. Este enquadramento teórico pretende sumariar os aspetos práticos da “confiança” e os contornos desta na África Subsariana, em especial na Guiné-Bissau, tendo sempre em consideração a criança como indivíduo de direito independentemente da cultura ou tipologia de família que ela se enquadra.

Como qualquer estudo empírico que tem como foco as crianças e as práticas que podem colocar em risco os seus direitos em meio intra e inter-familiar, este está sujeito à confrontação com a complexidade dos fenómenos. Neste sentido, o estudo segue a estratégia de uma combinação de metodologias mistas, isto é, apresenta uma metodologia quantitativa e qualitativa, envolvendo instrumentos, como questionários e guiões de entrevista, e técnicas, como a análise de conteúdo e testes estatísticos, para melhor explicar o objeto de estudo.

Através da metodologia quantitativa pretendeu-se testar as quatro hipóteses de estudo, a saber, : i) as variáveis sexo, idade, etnia, religião, orfandade,

deficiência, ser “Criança Irã”, ser gêmeo e ter parentesco com o chefe de família determinam o ser “Filho de Criação”?; ii) há diferenças significativas entre os “Filhos de Criação” e os “Não Filhos de Criação” nas cinco dimensões de nutrição, proteção, educação, cuidado/abrigo e saúde?; iii) há diferenças significativas entre os “Filhos de Criação” e os restantes filhos biológicos da família de criação, quanto às dimensões de nutrição, proteção, educação, cuidado/abrigo e saúde?; iv) há diferenças significativas entre “Filhos de Criação” do sexo feminino e do sexo masculino, quanto às dimensões de nutrição, proteção, educação, cuidado/abrigo e saúde? A resposta a estas perguntas contribuirá para a definição das variáveis que determinam ser “Filho de Criação”; as diferenças significativas entre “Filhos de Criação” e os “Não Filhos de Criação” e entre “Filhos de Criação” e “Filhos Biológicos” da “Família de Criação” no que toca ao seu bem-estar, bem como a existência de diferenças significativas entre “Filhos de Criação” do sexo feminino e do sexo masculino.

Entende-se por bem-estar a ausência de riscos para a criança, isto é, ausência de situações de “abuso e negligência, incluindo todas as formas de deficiente tratamento físico e emocional, que resulta em dano efetivo ou potencial para a saúde, o desenvolvimento ou a dignidade da criança, no contexto de uma relação de responsabilidade, confiança ou poder” (WHO, 2006), tendo esta idade inferior a 18 anos. Para definir o nível de risco versus bem-estar das amostras utilizou-se um indicador por cada uma das cinco dimensões (educação, saúde, nutrição, proteção e cuidados) do Instrumento de Monitorização e Avaliação da Situação da Criança (IMASC) para estados frágeis (FEC, 2017).

No que toca a metodologia qualitativa através da análise de conteúdo das entrevistas, pretendeu-se aprofundar os resultados da testagem das hipóteses do estudo através da metodologia quantitativa e a compreensão da “prática da confiança”, tendo em consideração a perspetiva da criança confiada, mas também a da família a quem foi confiada, que neste estudo é chamada de “Família de Criação”. Ao longo do estudo serão feitas, frequentemente, alusões à “Família de Criação”, também chamada em algumas situações de “Família de Acolhimento” ou “Família de Confiança”. Igualmente, tem-se presente a família biológica da criança confiada, referida algumas vezes como “Família de Origem” ou “Família Nuclear da Criança”. Considerando que normalmente existem laços familiares entre a criança e a “Família de Criação”, esta última é também referida como “Família Alargada” ou “Família de Suporte da Criança”.

Por fim, o estudo apresenta a análise dos dados e as respetivas conclusões, apresentando-se ainda recomendações para próximas investigações, bem como para intervenções no campo legal e social, de modo a facilitar uma resposta mais concertada e solidamente organizada, em resposta às necessidades de proteção da criança na Guiné-Bissau.

“CRIANÇA CONFIADA”: CONCEITOS E PRÁTICAS

O termo *Fosterage* ou *Fostering* foi usado até ao século XVIII no norte da Europa, em países como a Irlanda, País de Gales e Escócia e definia a prática de uma família educar uma criança cujo laço biológico não era direto (Anderson, 2004; Parkes, 2001; Parkes, 2006). Esta prática diferenciava-se da adoção, na medida em que os pais biológicos da criança continuavam a ser pais por direito e reconhecidos como tal. Ao contrário das sociedades modernas, as sociedades pré-modernas europeias, privilegiavam confiar os seus filhos a outras famílias, ao invés de os entregar a casas de acolhimento ou orfanatos (Parkes, 2001). Segundo Parkes (2006) esta prática era uma forma de patrocínio/crédito que as famílias mais influentes tinham para cimentar relações, alianças e estratégias políticas, uma vez que o acolhimento de um filho de outro homem, era um motivo de honra. Muitas vezes esta prática era também usada para predefinir casamentos (Parkes, 2004).

No que toca à realidade africana na atualidade, é frequente a utilização da expressão “circulação de crianças” por investigadores que se dedicam a estudar famílias africanas, em especial as da África Ocidental (Beck et. al., 2014; Dahiré, 2006; Dehusses, 2005; Jacquemin, 2000; Vandermeersch, 2002). Esta expressão cobre muitas práticas adotivas, que vão da separação momentânea da criança dos seus progenitores, à completa rutura (Dehusses, 2005). A maior parte dos autores define dois grandes grupos nestas práticas adotivas: o da adoção (separação definitiva) e o das confiadas, esta última relativa à transferência momentânea da criança (Beck et. al., 2014; Jacquemin, 2000; Vandermeersch, 2002).

No caso das crianças confiadas (conhecidas em francês como *Les Enfants Confiés* e em inglês como *Child Fosterage* ou simplesmente *Fosterage*), a transferência da criança não implica a mudança da sua identidade, nem mesmo de localidade. O processo é geralmente reversível e os pais biológicos guardam uma parte dos direitos e deveres sobre a criança confiada. Uma das especificidades do *fosterage* africano implica, como afirma Dehusses (2005, p. 733) “que as partes nem sempre sabem se a ‘cedência’ da criança, resultará numa ‘doação’ real”. No entanto, nesta prática, o direito ao matrimónio, a identidade da criança e a reversibilidade do acordo, são mantidos pelos próprios pais biológicos. Assim o termo “confiadas” toma as mesmas características do *fosterage*, na medida em que as crianças confiadas não são descendentes diretos da primeira geração do chefe de casa e/ou da(s) sua(s) mulhere(s) (Dahiré, 2006).

Vários autores (Beck et. al., 2014; Dehusses, 2005; Jacquemin, 2000) propõem teorias explicativas para a “confiança”². Segundo Claude Meillassoux (1993, citado por Dehusses, 2005, p. 734), a antropologia económica, através da teoria da discrepância entre a reprodução natural e as exigências da produção no núcleo das famílias rurais africanas, seria uma fonte explicativa. No fundo, a teoria baseia-se na homeostase entre a reprodução e as metas de produção que devem ser garantidas. Assim, a “confiança” seria um fator regulador entre produção e população.

² Assume-se que a tradução mais correta para o termo francês “confié” é o termo em português confiada(s) (quando se trata da criança) ou confiança, quando se refere ao ato/prática de confiar a criança.

Em algumas sociedades africanas, como a Costa do Marfim, é comum verificar a transformação das relações de parentesco (genealógicas) em relações familiares funcionais ou de produtividade. Deste modo, há um foco por parte das famílias no fator económico e não tanto no mero aspeto filial, o que faz com que a “confiança” esteja mais ligada à situação económica e social em que se enquadram as famílias e comunidades.

Outro aspeto verificado por outros autores (Akresh, 2009; Faussey-Domalin, 2000; Pilon, 1992) é que o ato de confiar também está ligado à procura educacional e profissional quando esta é superior à oferta. Estudos mostram, por exemplo, que, em Abidjan, são as famílias mais ricas que recebem a maioria das crianças e jovens confiados. Segundo Jacquemin (2000), este ato realça a vontade de fazer elevar a criança para um meio mais favorecido. A confiança também é vista como uma medida de precaução, considerando uma malha social que muitas vezes se define por relações conjugais instáveis, o que resulta em grande vulnerabilidade para a criança. Assim esta prática funciona como uma precaução e um investimento no futuro da criança.

A discrepância entre a reprodução natural e a exigência da produção, a existência de um sistema económico e social desfavorecido, a instabilidade conjugal, o desejo de melhor educação para a criança, são alguns dos fatores que sustentam uma abordagem explicativa para a “confiança”, que leva à multiplicidade de razões para ocorrer esta prática.

1.1. ASPETOS PRINCIPAIS DA PRÁTICA DA “CONFIANÇA”

São diversos os aspetos que conduzem à prática da “confiança” que se podem enquadrar em quatro categorias: (i) envolvimento familiar; (ii) solidariedade familiar face à crise; (iii) modo de aliança entre grupos; (iv) escolarização.

i) Envolvimento familiar

A “confiança” segundo Dahiré (2006) e Jacquemin (2000) é um meio para fortalecer os laços familiares. Esta consolidação familiar é feita de várias maneiras: a) através da troca de filhos entre irmãos (pais/tios da criança) que pode ocorrer pela entrega da criança a jovens casais (irmãos dos pais biológicos que tenham recentemente casado) para os preparar para a receção dos seus próprios filhos ou, inversamente, confiar a criança a casais mais experientes (irmãos mais velhos) de modo a que a criança aprenda as práticas domésticas e educativas que deverá replicar na sua família biológica; b) através da entrega da criança a uma mãe/casal que perdeu um filho, tendo esta um papel de substituição; c) ou ainda através da entrega da criança a outra família, que lhe é confiada para a proteger de qualquer ameaça de “forças ocultas” (feitiçaria).

A “confiança” pretende assim reduzir a distância entre familiares ou proporcionar à criança a oportunidade de adquirir um estatuto social mais elevado, integrando-se num agregado familiar mais favorecido. Também é um modo de fazer redistribuição das crianças dentro da família alargada e equilibrar os recursos em caso de forte índice de fertilidade.

ii) Solidariedade familiar face à crise

Na África Subsariana, a família alargada permite maior proteção perante situações de crise. Este papel atribuído à família implica uma maior coesão social, desempenhando uma função importante na acomodação e adaptação da família nuclear em momentos de crise. A “confiança” é exemplo claro desta solidariedade, deste sistema de proteção social, isto é, deste apoio familiar. Exemplo destas situações, são as famílias urbanas que, confrontadas com dificuldades económicas, enviam os seus filhos para familiares que vivem em zonas rurais. Assim, a confiança aliada à solidariedade familiar pretende responder à crise vivida pela família nuclear e, deste modo, atender às necessidades da criança (garantir a sobrevivência das gerações mais jovens). Esta dinâmica, segundo Dehusses (2005), chama-se estratégia *offloading*.

No entanto, Jaccquemin (2000) chama a atenção para o facto de que esta noção de solidariedade nas famílias africanas, muitas vezes, mascarar a exploração de crianças e jovens confiados, defraudando as expectativas de benefícios esperados pelos confiados e suas famílias. Segundo o autor “o crescimento populacional, a monetarização das relações de produção, a rápida urbanização, escolaridade, a ‘crise’ e os novos métodos de estratificação que estão relacionados com as sociedades neoliberais, transformaram as regras práticas e éticas da circulação de crianças” (Jaccquemin, 2000, p. 108).

iii) Modo de aliança entre grupos

Por outro lado, a “circulação de crianças” tem também sido associada ao casamento forçado e precoce, mais conhecido como “casamento arranjado” (Beck, 2014; Dehusses, 2005; Vandermeersch, 2002). O casamento é um modo de aliança entre grupos, que se pode revelar como uma compensação na troca de um contrato que não foi respeitado (a atribuição da criança

reforça o sentimento de arrependimento, mas também restitui a confiança e lealdade entre famílias) ou como reforço de alianças entre famílias, que mesmo estando interligadas, não têm ligação direta. Assim, a “confiança” também é um negócio e um contrato entre famílias ou entre aliados.

iv) Escolarização

A “confiança” às famílias urbanas é muitas vezes uma forma das famílias rurais garantirem a educação formal dos seus filhos. Um exemplo evidente referido por Faussey-Domalain (2000) é o caso do estrangulamento da pirâmide etária dos jovens de 15-19 anos, na Costa do Marfim, em 1986, relacionado com a emigração de jovens, principalmente para Abidjan. Segundo a autora, essas migrações expressam uma “estratégia de investimento a longo prazo através da escolaridade” e ao mesmo tempo a “falta de esperança da população numa nova fase de expansão da economia local” (Faussey-Domalain, 2000, p. 85). Para permitir o acesso à educação, a família tende a fazer uma arbitragem financeira entre a escolaridade e o cultivo agrícola. No entanto, os aumentos dos custos escolares na cidade podem resultar em novas estratégias e novos fluxos, muitas vezes inversos, com migração do meio urbano para o rural.

Além disso, a mesma autora afirma que a “confiança” e a falta de educação estão relacionadas com a questão de género. Na verdade, crianças do sexo feminino apresentam um nível de educação inferior às do sexo masculino, porém são normalmente confiadas mais cedo do que as do sexo masculino. Uma das explicações dadas pela menor escolarização das meninas é o facto de serem encaminhadas pelas famílias a que são confiadas para tarefas domésticas e cuidado infantil, tal como referido por Faussey-Domalain (2000, p. 91) “no que diz respeito à prática de crianças confiadas, parece que, de facto, especialmente às crianças do sexo feminino são-lhes precocemente atribuídos mais trabalhos domésticos do que lhes é fornecido cuidados, proteção e educação”.

1.2. A REALIDADE NA ÁFRICA SUBSARIANA E NA GUINÉ-BISSAU

A prática de crianças confiadas é particularmente difundida na África Subsariana. De acordo com os dados apresentados por Beck e colaboradores (2014), cerca de 10% das crianças senegalesas com menos de 15 anos são atualmente confiadas (12,5% com menos de 18 anos), 32% das famílias são famílias a quem foram confiadas crianças e 14% dos adultos foram “crianças confiadas” na sua infância. Números semelhantes, variando entre 15% a 26% dos agregados familiares que acolhem crianças, são encontrados em Burkina Faso, Costa do Marfim, Gana, Níger e Mali (Akresh, 2009; Vandermeersch, 2002). De acordo com os Relatórios do Inquérito Demográfico e de Saúde³ de 11 países da África Ocidental, a proporção de “crianças confiadas” com menos de 14 anos varia entre 5,9% no Burkina Faso a 16,8% na Libéria e equivale, em média, a 9,5% na região.

A “confiança” tem sido criticada por Organizações Não-Governamentais e agências internacionais, como é o caso do UNICEF (1999), por temerem pelo bem-estar das crianças. Esta preocupação é, em parte, baseada no facto do acolhimento de crianças confiadas ser uma forma de trabalho infantil, em particular das crianças do sexo feminino, que são criadas para se tornarem empregadas domésticas (Pilon, 1992). Pilon (1992) acrescenta, ainda, que os pais de acolhimento dão mais importância ao cuidado e proteção dos seus próprios filhos biológicos do que às crianças que lhes são confiadas.

Na Guiné-Bissau, a situação da criança continua a ser alarmante. Segundo o MICS5 (UNICEF, 2015) a probabilidade de uma criança morrer no primeiro mês de vida é de 36/1000 nados vivos. Por sua vez, a probabilidade de morrer entre o nascimento e o primeiro aniversário sobe para

55/1000, agravando-se se o intervalo for alargado até ao quinto aniversário, que é de 89/1000. Esse documento indica ainda que, das crianças com 5 ou menos anos, 17% tem uma desnutrição moderada a grave e 3,6% grave, e 27,6% apresenta atraso de crescimento moderado e grave e 8,2% atraso grave. O mesmo documento, MICS5 (INE, 2015), refere que 40% das crianças tem o plano anual de vacinação completo, 23,7% das crianças com idade igual e inferior a 5 anos estão registadas, 51,1% das crianças de 5 a 17 anos estão envolvidas em trabalho infantil⁴ e 82,4% das crianças entre 1-14 anos foram alvo de violência por agressão psicológica ou castigo físico durante o último mês. Um dos dados curiosos que o MICS5 (INE, 2015) apresenta é a “Vivência das crianças com os pais”, em que se verifica que 21,9% das crianças dos 0 aos 17 anos não vive com nenhum dos pais biológicos.

Na Guiné-Bissau, não há nenhum estudo que caracterize o ato de confiar as crianças a outrem, nem das próprias crianças confiadas. No entanto, Henriques e colaboradores (2015), no capítulo “Revisão da literatura e debates sobre violação e tráfico de crianças: o caso de crianças talibés, confiagem entre outros”, assumem o conceito em crioulo *Mininu di Kriaçon*⁵ (sic) (Filhos de Criação, em português) como a tradução do conceito francês *L'enfant Confié* ou simplesmente *Confiage*, como a “forma de confiar uma criança a outrem (família, amigo, próximo), com a finalidade de receber melhor educação ou ter melhor oportunidade de vida” (Henriques et al., 2015, p. 287). Por sua vez o próprio conceito de “Criança Talibé” toma a

³ <https://dhsprogram.com/Where-We-Work/Country-List.cfm>

⁴ Crianças envolvidas em trabalho infantil são definidas como crianças envolvidas em atividades económicas ou em tarefas domésticas acima dos limites específicos para a idade, bem como crianças envolvidas em trabalho perigoso.

⁵ Manteve-se o termo “Mininu di Kriaçon” com “ç” como citado no texto da autora, porém neste estudo assume-se a grafia com “s” por se aproximar à proposta de uniformização do crioulo da Guiné-Bissau.

definição pelo mesmo autor de “Criança confiada a Marabus⁶ para efeitos de aprendizagem do alcorão” (Henriques *et al.*, 2015, p. 287). Assim, neste estudo, assume-se a existência de dois grandes grupos, quando se fala de “Crianças Confiadas” na realidade guineense: as “Crianças Talibé” e os “Filhos de Criação”. O primeiro grupo já tem sido foco de muitos estudos em muitos países da África Ocidental como o Senegal, Guiné-Conacri e Gâmbia (Baldé, 2010; Einarsdóttir *et al.*, 2015; Fiasorgbor *et al.*, 2015; Human Rights Watch, 2010; UNICEF, 2009; Zonmanigui, 2016), devido à problemática do tráfico de crianças e da exploração infantil, extramuros familiares e extrafronteiras nacionais⁷. No entanto, o segundo grupo, os “Filhos de Criação”, toma contornos particulares, mesmo que se assuma que, muitas vezes, as causas, ou mesmo as consequências, sejam as mesmas das “Crianças Talibé”, isto é, famílias empobrecidas, motivadas a dar um futuro melhor aos seus descendentes (causa) e frequentemente conduz a consequências como a exploração e violação dos direitos das crianças. Muitos dos contornos particulares que estão implicados na prática dos “Filhos de Criação” são fatores que envolvem os sistemas intra-familiar e inter-familiar (Delomez, 2014).

Considerando o foco deste estudo, os “Filhos de Criação”, importa perceber as práticas familiares e culturais que caracterizam estas famílias e crianças na Guiné-Bissau. Seurat (2016), no seu estudo de caracterização das “Práticas parentais em relação às crianças menores de 6 anos na Guiné-Bissau”, verifica que 22% das mães inquiridas já confiou um ou mais filhos. A autora verificou, igualmente, que fatores como famílias poligâmicas, animistas e cristãs, das regiões norte do país, e de mães de

baixa escolaridade aumentam a probabilidade de uma criança ser confiada. Verificou, igualmente, que as crianças são confiadas, em média, aos 4 anos de idade.

No que diz respeito às nuances étnicas e culturais que caracterizam o fenómeno “Filhos de Criação” na Guiné-Bissau, Henriques e colaboradores (2015) referem que na etnia fula existem dois termos com significados diferentes: “Tamnougol” que designa o ato de confiar um filho para que seja educado e sustentado e “Ngokirgol” que se refere à entrega definitiva da criança a uma família adotiva. Por sua vez, a etnia balanta usa o termo “Nrang”, que significa educação para a vida, isto é, para o casamento, “(...)uma família adota uma criança, para os fins de casamento, ou seja, a criança é educada pela sua tia a fim de poder ser coesposa do marido desta.” (Henriques *et al.*, 2015, p. 249). Como referenciado por Henriques *et al.* (2015), existe termos específicos em cada etnia para designar a “confiança”, o que faz desta ser uma realidade transversal a todas as etnias. Assim poder-se-á evidenciar alguma associação entre ser “Filho de Criação” e a idade e sexo da criança, como a outros fenómenos como o casamento precoce e forçado, e trabalho infantil.

Com base no acima exposto, o presente estudo pretende verificar se ser “Filho de Criação” pode constituir uma condição de risco para a criança, logo, se pode comprometer os seus direitos.

⁶ *Marabout* é o termo francês que provém do arábico *mourâbith* e que se refere ao mestre do alcorão, que tem sob sua tutela um conjunto de *almadus* (alunos) para ensinamento das leituras sagradas.

⁷ Pelo facto de muitas destas crianças terem que sair da Guiné-Bissau, visto que a maior oferta de escolas corânicas encontram-se no Senegal, Guiné-Conacri e na Gâmbia, é gerado um tráfico de crianças transfronteiriço, onde muitas delas acabam a mendigar nas ruas das grandes cidades.



METODOLOGIA

Este estudo é um estudo exploratório e transversal (*cross section*) que tem como pergunta de partida “Em que medida ser “Filho de Criação” é fator de risco para o bem-estar das crianças na Guiné-Bissau?”. Para responder a esta pergunta, o estudo segue uma metodologia mista (quantitativa e qualitativa), na medida em que, por um lado, se pretende quantificar a frequência de fatores que explicam o fenómeno “Filho de Criação”, bem como as relações que são estabelecidas entre estes, através da aplicação do Instrumento de Monitorização e Avaliação da Situação da Criança (IMASC), para estados frágeis e do recurso aos testes não paramétricos. Por outro lado, a nível qualitativo, pretende-se descrever o fenómeno “Filho de Criação”, a partir do ponto de vista dos seus protagonistas – a criança e a família que foi confiada, através de entrevistas e da análise de conteúdo destas.

2.1. HIPÓTESES DE ESTUDO

O estudo apresenta quatro hipóteses a serem testadas:

1. As crianças do sexo feminino, maiores de 4 anos, de etnia balanta, animista, órfão, deficiente, “Criança Irã”, gémea e sobrinha do chefe de família definem e caracterizam o “Filho de Criação”?
2. Os “Filhos de Criação” apresentam menor bem-estar do que os “Não Filhos de Criação⁸” nas dimensões de nutrição, proteção, educação, cuidado/abrigo e saúde?
3. Os “Filhos de Criação” apresentam menor bem-estar do que os filhos biológicos da “Família de criação”, nas dimensões de nutrição, proteção, educação, cuidado/abrigo e saúde?
4. Os “Filhos de Criação” do sexo feminino apresentam menor bem-estar do que os do sexo masculino, quanto às dimensões de nutrição, proteção, educação, cuidado/abrigo e saúde?

Na hipótese 1, e em concordância com o estado da arte, pretendeu-se verificar se a escolha dos “Filhos de Criação” é determinada por serem do sexo feminino, tenderem a ser crianças já com alguma idade, órfãos de pai e/ou mãe, serem gémeos, serem deficientes, serem “Crianças Irã”, serem da etnia balanta, da religião animista e serem sobrinhos do chefe de família. Nesse sentido, foi aplicado o teste de regressão logística, dado

⁸ Considera-se “Não Filhos de Criação” todas as crianças da amostra que não sejam categorizadas como “Filhos de Criação”.

que a variável dependente ser “Filho de Criação” e as variáveis independentes sexo, idade, orfandade, deficiente, gêmeo, religião, etnia, “criança Irã” e sobrinho do chefe de família são categóricas.

Por sua vez, nas hipóteses 2, 3 e 4, pretendeu-se comparar a existência de diferenças entre os “Filhos de Criação” com as restantes crianças da amostra; os “Filhos de Criação” com os filhos biológicos das famílias de criação e os “Filhos de Criação” do sexo feminino com os do sexo masculino, quanto aos cinco indicadores das dimensões de nutrição, proteção, educação, cuidado/abrigo e saúde. Em cada dimensão foi utilizado um indicador como variável de comparação. Nesse sentido, para a dimensão nutrição foi escolhido o indicador “está nutrida”; para a proteção, o indicador “tem registo civil”; para a educação, “encontra-se matriculada”; para cuidado/abrigo, “a criança sente-se feliz e cuidada por um adulto”; e para a saúde, o indicador “tem o Plano Anual de Vacinação Completo”. O teste utilizado foi o do *chi-quadrado de Pearson*, que pretendeu analisar dois grupos distintos para cada hipótese.

2.2. AMOSTRA, INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS E PROCEDIMENTOS

A partir de uma amostra de conveniência de 3489⁹ crianças das 7 regiões da Guiné-Bissau, Cacheu, Setor Autónomo de Bissau (SAB), Oio, Bafatá, Gabú, Quínara e Tombali, foram identificadas 113 crianças designadas “Filhos de Criação”. Numa segunda fase, foi feita a caracterização de 107 “Filhos de Criação”¹⁰ e as suas respectivas famílias de criação (anexo 1) e entrevistaram-se 93 “Filhos de Criação” e seus respectivos “pais de criação” disponíveis para o estudo¹¹.

O guião de entrevista à criança pretende conhecer: a) a perceção da criança sobre a sua família biológica e sobre o motivo que a levou a ser confiada a outra família; b) a perceção da criança sobre a “família de criação”; c) a perspetiva da criança sobre si mesma e sobre o seu futuro. As perguntas variam mediante a informação prévia, se a criança tem ou não conhecimento de que é “Filho de Criação” (anexo 2).

O guião da entrevista à família de criação (anexo 3) pretende conhecer a perspetiva da família de criação sobre si própria e sobre a família biológica da criança, a partir: a) das motivações que levou a família a ser “família de criação” e da perceção da família quanto aos motivos que levou a

⁹ A amostra de 3489 crianças esteve na base do Relatório da Situação da Criança na Guiné-Bissau 2015-2016 (FEC, 2017), que pretendeu caracterizar todas as crianças das comunidades de intervenção da FEC. Esta amostra trata-se de uma amostra de conveniência por se ter considerado as crianças identificadas nas comunidades e escolas de intervenção da FEC sem qualquer critério de aleatoriedade.

¹⁰ Entre a fase de identificação das 113 crianças “Filhos de Criação” e a 2ª fase de caracterização e entrevista, verificou-se que 6 crianças e suas respectivas “famílias de criação”, já não se encontravam a viver no local identificado na 1ª fase, totalizando assim 107 crianças na 2ª fase.

¹¹ Verificou-se que das 107 crianças, no momento da entrevista 14 não se encontravam em casa. Destas, 8 já tinham voltado para a família biológica e 6 no momento da realização da entrevista estavam ausentes de casa. Neste sentido, considerou-se para as entrevistas 93 crianças e respetivas “famílias de criação”.

criança a ser-lhe confiada; b) da ligação existente (ou não) da família de criação com a família biológica da criança e a percepção que aquela tem da criança face à sua família biológica. Também se quis apurar as atitudes e a percepção que a família de criação tem sobre o “Filho de Criação” e sobre a própria percepção da criança face à família de criação. Pretendeu-se, também, conhecer a perspetiva da família sobre o quotidiano e o futuro da criança.

Os guiões das entrevistas à criança e à família de criação entrecruzam-se, garantindo sempre a dinâmica criança – família biológica – família de criação, bem como a respetiva informação destes subsistemas. Igualmente, é transversal e comum aos grupos entrevistados a exploração e definição do conceito “Filho de Criação”, ou em crioulo “Mininu di Kriason”¹².

Os questionários e guiões das entrevistas foram traduzidos para crioulo e posteriormente foi feita retroversão seguindo os seguintes passos:

1. Dois especialistas na área da proteção da criança, que possuíam português como língua materna, elaboraram e ajustaram o questionário e o guião.
2. Um Técnico de Avaliação e Estatística no campo da proteção da criança, bilingue em português e crioulo, procedeu à tradução para a língua crioula guineense e à validação dos conceitos culturais dos instrumentos.
3. Um Técnico de Serviço Social, bilingue em português e crioulo, fez a retroversão do instrumento, procurando garantir a equivalência dos conceitos originais.

¹² Utilizou-se o termo original em crioulo nas entrevistas - “Mininu di Kriason”.

Encontrada a versão final, foi realizado um estudo piloto com uma amostra de 10 “Famílias de Criação”, 32 crianças e 10 formadores comunitários, a partir do qual não foram sugeridas alterações de melhoria.

O questionário e a entrevista, foram aplicados por 6 formadores comunitários¹³ durante 2 meses. Estes foram formados durante uma semana, no preenchimento do questionário e em técnicas de entrevista. Incluiu-se na formação situações de *role play*.

Estes formadores trabalharam sempre em pares, de modo a garantir que as entrevistas à criança e à família fossem feitas ao mesmo tempo, mas em espaços diferentes. Com esta metodologia pretendeu-se garantir o menor contágio possível, por parte do entrevistador, na orientação das entrevistas, ou seja, evitou-se que houvesse acesso prévio ou conhecimento da perspetiva da família ou/e da criança, e a proteção e sigilo das respostas dadas pelas crianças. As entrevistas seguiram os procedimentos previamente definidos.

¹³ Os 6 formadores do sexo masculino, bilingues (crioulo guineense-português), com uma idade média de 37 anos e habilitações literárias entre a formação média e superior.

QUADRO 1 – CATEGORIAS E PERGUNTAS DIVIDIDAS PELA AMOSTRA “FILHO DE CRIAÇÃO” E “FAMÍLIA DE CRIAÇÃO”

Categorias	Pergunta(s)		
	Filho de Criação		Família de Criação
	Não Sabe	Sabe	
C.1 Ser “Filho de Criação”	N/A	O que é para ti/si ser “Filho de Criação”	
C.2 Conhecimento prévio da Família de Criação e Biológica (motivo e processo)	N/A	Quem te disse que eras “Filho de Criação”? Como te foi contado? Quem te trouxe para esta família? Porquê? Já conhecias esta família antes de vires viver para aqui? Se sim, como?	Já conhecia os pais biológicos do/a [nome da criança]? Como? Sabe qual foi o motivo para os pais do/a [nome da criança] a terem dado para criação? Por que quis ser “Família de Criação”?
C.3 Perceção, Atitudes e memória face à Família Biológica	Lembras-te de ter vivido sempre nesta casa e Tabanca? (Se não, onde e com quem)?	Lembras-te dos teus pais biológicos? Gostarias de voltar para a tua família biológica? Porquê?	Acha que o/a [nome da criança] gostaria um dia de voltar para a família biológica? Porquê? Deixaria o/a [nome da criança] voltar para a família biológica? Porquê?
C.4 Relação entre Filho e Família de Criação	Gostas de estar nesta casa? Porquê? O que gostas mais na tua família? O que gostas menos na tua família? Achas que os teus pais gostam e tratam de ti da mesma forma que os teus irmãos? Dá exemplos.	Gostas de estar nesta casa/família? Porquê? O que gostas mais nesta família? O que gostas menos nesta família? Achas que os teus pais de criação gostam e tratam de ti da mesma forma que os outros filhos deles? Dá exemplos?	Gosta do/a [nome da criança]? Porquê? O que é que aprecia mais no/a [nome da criança]? O que é que aprecia menos no/a [nome da criança]? Acha que trata o/a [nome da criança] do mesmo modo como trata os seus outros filhos? Porquê (dar exemplos)? Acha que o/a [nome da criança] gosta de estar nesta família? Porquê?
C.5 Presente e Futuro do “Filho de Criação”	Quais são as tuas tarefas de manhã, de tarde e à noite? O que é que gostavas de ser quando fores grande? Porquê?		Quais são as tarefas de [nome da criança] de manhã, de tarde e à noite? O que deseja que [nome da criança] seja no futuro?

2.3. ENTREVISTAS E CODIFICAÇÃO

Para a análise das entrevistas aos 93 “Filhos de Criação” e respectivas famílias de criação foi usado o método de análise de conteúdo, preconizado por Bardin (2009), a partir do qual se criaram categorias macro (as quais derivaram do conteúdo das próprias questões presentes no guião da entrevista) e, progressivamente, campos semânticos (subcategorias) que advêm das respostas dos sujeitos.

Esta análise permitiu analisar as semelhanças entre o conceito “Filho de Criação” e os termos internacionais *enfants confiés/child fosterage*, as motivações para a confiança, bem como relação que envolve o “Filho de Criação”, a “Família de Criação” e a memória destes sobre a família biológica da criança.

O ponto central neste estudo, que se concretiza em especial na análise de conteúdo, é ter-se a perspetiva da “Família de Criação” e, acima de tudo, a perspetiva da criança sobre si mesma e sobre o seu processo em relação com a família a quem foi confiada. Nesse sentido, foram estabelecidas 5 Categorias (C.) que são comuns entre as amostras “Filhos de Criação” (subamostra das crianças que “não sabem” que são “Filho de Criação” e as crianças que “sabem”) e “Família de Criação” (Quadro 1).

Em **C.1 Ser “Filho de Criação”** – o que a criança/família de criação acha que é ser “Filho de Criação” – procura-se explorar a definição do conceito na perspetiva da própria criança e da “Família de Criação”.

Em **C.2 Conhecimento prévio da Família de Criação e Biológica (motivo e processo)**, pretende-se saber se a criança tem conhecimento do processo de ser confiada (por que foi confiada, quem contou e como), bem como se já conhecia previamente a Família de Criação. Junto da “Família

de Criação” procura-se saber se havia alguma relação entre as famílias antes de a criança ser confiada, saber qual foi o motivo para a criança ser confiada e a motivação para receber a criança. O objetivo será o de confirmar as ligações familiares, saber como e quem liderou este processo, bem como perceber as suas motivações.

Em **C.3 Perceção, atitudes e memória face à Família Biológica**, propõe-se avaliar a vontade da criança em voltar à família biológica, assim como a capacidade da Família de Criação em aceitar essa vontade. Nesse sentido, na amostra dos “Filhos de Criação”, exploram-se as atitudes e memórias existentes nas crianças sobre os seus pais biológicos e a sua vontade, ou a ausência dela, em voltar para estes. Esta mesma categoria na amostra “Família de Criação” explora a perceção que a Família de Criação tem da criança, mediante a sua vontade de voltar ou não para a sua família biológica, bem como a capacidade de aceitar a vontade da criança.

A **C.4 Relação entre Filho e Família de Criação** possui o objetivo de comparar a perspetiva da criança com a da Família de Criação no que toca à relação existente entre estas, bem como a existência ou não de diferenças no tratamento entre o “Filho de Criação” e os filhos biológicos da “Família de Criação”.

Por fim, em **C.5 Presente e Futuro do “Filho de Criação”**, o objetivo é verificar quais as tarefas que envolvem o quotidiano da criança. De igual modo, a projeção da própria criança no futuro dá informação das suas expectativas futuras, de modo a serem comparadas com aquelas que a Família de Criação tem para a criança.

A partir da análise das respostas dadas pela amostra “Filhos de Criação” – crianças que sabem – e “Família de Criação”, estabeleceram-se subcategorias para cada categoria (Quadro 2).

QUADRO 2 – AS SUBCATEGORIAS DAS 5 CATEGORIAS DAS AMOSTRAS “FILHOS DE CRIAÇÃO” E “FAMÍLIA DE CRIAÇÃO”

Categorias	Subcategorias	
	Filhos de Criação	Família de Criação
C.1 Ser “Filho de Criação”	C.1.1 Ser “Filho de Criação”	C.1.1 Ser “Filho de Criação”
C.2 Conhecimento prévio da Família de Criação e Biológica (motivo e processo)	C.2.1 Quem contou	C.2.1 Conhecimento dos pais biológicos
	C.2.2 Como foi contado	C.2.2 Motivo
	C.2.3 Quem o trouxe p/Família de Criação	C.2.3 Motivação
	C.2.4 Motivo	
	C.2.5 Já conhecia e donde	
C.3 Percepção, Atitudes e memória face à Família Biológica	C.3.1 Não se lembra	C.3.1. Gostava de voltar para a Família Biológica C.3.1.1 Sim C.3.1.2 Não
	C.3.2 Sim C.3.2.1 Gostaria de voltar C.3.2.2 Não gostaria de voltar	
	C.3.3 Pai/mãe faleceu	C.3.2 Deixar voltar para Família Biológica C.3.2.1 Sim C.3.2.2 Não
C.4 Relação entre Filho e Família de Criação	C.4.1 Gosta da Família de Criação C.4.1.1 Sim C.4.1.2 Não	C.4.1. Gosta da Criança
	C.4.2 Tratam do mesmo modo que os outros filhos C. 4.2.1 Sim C.4.2.2 Não	C.4.2 Tratam do mesmo modo C.4.2.1 Sim C.4.2.2 Não
		C.4.3. Gosta da Família de Criação C.4.3.1 Sim C.4.3.2 Não
C.5 Presente e Futuro do “Filho de Criação”	C.5.1 Presente C.5.1.1. De manhã C. 5.1.2 De tarde C. 5.1.3 De noite	C.5.1 Presente C.5.1.1. De manhã C. 5.1.2 De tarde C. 5.1.3 De noite
	C.5.2 Futuro	C.5.2 Futuro

No que diz respeito às subcategorias estabelecidas na amostra dos “Filhos de Criação,” apurou-se: uma subcategoria para C.1; cinco para C.2; três para C.3; duas para C.4; e duas para C.5. Por sua vez, na amostra “Família de Criação” estabeleceu-se uma subcategoria para C.1, três para C.2, duas para C.3; três para C.4; e duas para C.5.

Não se desenvolveu subcategorias para as categorias das “Crianças que não sabem”, visto que todas as crianças entrevistadas sabiam que eram “Filhos de Criação”.



RESULTADOS & DISCUSSÃO

Os resultados do estudo são apresentados em dois pontos principais. No primeiro, descreve-se a caracterização da amostra dos 107 “Filhos de Criação”, das suas famílias de criação e das relações existentes entre estas. No segundo ponto apresentam-se os resultados da testagem das 4 hipóteses do estudo, em que na primeira alínea pretende-se aferir o que caracteriza ser “Filho de Criação” bem como, os motivos e motivações que levam ao ato de confiar e aceitar uma criança (testagem da hipótese 1 sustentada pelos resultados das C.1; C.2 e C.3). Na segunda alínea pretende-se aferir, as diferenças existentes entre a amostra de “Filhos de Criação” e “Não Filhos de Criação”, e entre “Filhos de Criação” e “Filhos Biológicos” das famílias de criação¹⁴, quanto ao bem-estar nas 5 dimensões (testagem da hipótese 2 e 3 sustentadas pelos resultados das C.4 e C.5.1). Por último é apresentado a aferição das diferenças entre “Filhos de Criação” do sexo feminino e do sexo masculino (testagem da hipótese 4 sustentada pelos resultados da C.5.2). Agrupou-se os resultados da metodologia quantitativa e qualitativa por hipótese.

¹⁴ Como já explicado na metodologia são considerados “Não Filhos de Criação” todas as crianças do N=3489 que não são identificadas pelas famílias como “Filhos de Criação”. Por sua vez considera-se “Filhos Biológicos” todas as crianças que as “Famílias de Criação” dos 107 “Filhos de Criação” afirmam como seus filhos biológicos.

3.1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

A amostra com que se trabalhou inclui os “Filhos de Criação” e a “Família de Criação”, cuja caracterização é apresentada de seguida, sendo também apresentada a “Relação Família e Filho de Criação”.

3.1.1. Caracterização dos “Filhos de Criação”

A maior concentração geográfica de “Filhos de Criação” da amostra foi encontrada na região de Oio (52 ou 48,6%), principalmente no sector de Nhacra (Quadro 3). Das 107 crianças, 81 (75,7%) eram crianças do sexo feminino e apenas 26 (24,3%) eram crianças do sexo masculino (Quadro 3).

Quanto ao lugar de nascimento das crianças, verifica-se que é em Oio a região onde a maioria das crianças “Filhos de Criação” nasceram (33 ou 30,8%), seguida de Tombali (17 ou 15,9%) e SAB (16 ou 15,0%) (Quadro 4).

A média de idade dos “Filhos de Criação” era de 11,1 anos, sendo o intervalo de idades compreendido entre os 4 aos 19¹⁵ anos, com uma moda nos 8 anos.

No que diz respeito à etnia e religião, verificou-se que 61 (57,0%) “Filhos de Criação” eram de etnia balanta e 19 (17,8%) de etnia fula. No que toca à religião, 36 (33,6%) eram de religião animista, 31 (29,0%) muçulmana e 19 (17,8%) cristã.

¹⁵ Apesar dos 18 anos ser considerado na lei da Guiné-Bissau, e na lei internacional, um indivíduo maior de idade, consideraram-se sete indivíduos com 18 anos e um com 19 anos como componentes da amostra, uma vez que na 1ª fase de recolha de dados haviam sido identificados como “Filhos de Criação”, sendo na altura menores de 18 anos e dependentes do chefe de família.

QUADRO 3 - CARACTERIZAÇÃO DOS “FILHOS DE CRIAÇÃO” POR ZONA GEOGRÁFICA E POR SEXO.

Região	Setor	Crianças por Região	nº de crianças por sexo	
			Feminino	Masculino
Bafatá	Gãmamudo/Ganadú	11	1	0
	Bafatá		4	6
Cacheu	Bigene	10	3	0
	Bula		6	1
Gabú	Gabú	4	3	1
Oio	Bissorã	52	2	1
	Farim		8	3
	Mansoa		3	3
	Nhacra		29	3
Quínara	Buba	5	2	1
	Fulacunda		2	0
SAB	Bissau	7	6	1
Tombali	Catió	18	12	6
Total		107	81	26

QUADRO 4 - CARACTERIZAÇÃO DOS “FILHOS DE CRIAÇÃO” POR REGIÃO/SETOR DE NASCIMENTO

Nascimento			
Região	Setor	Total por Região	Nº das crianças
Bafatá	Bafatá	12	10
	Bambadinca		2
Cacheu	Bigene	15	4
	Bula		8
	Canchungo		2
	Ingoré		1
Gabú	Gabú	4	3
	Pitche		1
Oio	Bissorã	33	3
	Farim		6
	Mansaba		1
	Mansoa		6
	Nhacra		17

Nascimento			
Região	Setor	Total por Região	Nº das crianças
Quínara	Buba	5	2
	Empada		2
	Fulacunda		1
SAB	Prabis	16	5
	Bissau		8
	Safim		3
Tombali	Bedanda	17	1
	Cacine		1
	Catió		12
	Komo		2
	Quebo		1
Senegal	Dacar	2	2
Em branco			3
Total		104	107

Verificou-se que dos 84 “Filhos de Criação” que frequentam a escola, 56 (66,7%) frequentam o 1º ciclo do ensino básico, tendo idades compreendidas entre os 7 e os 14 anos, e concentrando-se no 1º e 2º ano de escolaridade (Quadro 5).

QUADRO 5 - CARACTERIZAÇÃO DOS FILHOS DE CRIAÇÃO IDADE/ESCOLARIDADE

Escolaridade	3 – 6 anos	7 – 10 anos	11 – 14 anos	15 – 18 anos	Total
Jardim/pré-escolar	2	4	1	0	7
1º ano	4	12	8	0	24
2º ano	1	6	4	2	13
3º ano	0	1	6	5	12
4º ano	0	1	5	1	7
5º ano	0	0	4	4	8
6º ano	0	0	1	3	4
7º ano	0	0	0	4	4
8º ano	0	0	0	1	1
9º ano	0	1	0	0	1
Em branco	2	1	0	0	3
Total	9	26	29	20	84

Ainda nas características dos “Filhos de Criação”, verifica-se que 13 são crianças órfãs, 2 são “Crianças Irã”, 1 gémea e 5 têm doença crónica. Das 13 órfãs, 9 são órfãs de pai, 3 de mãe e 1 de ambos. No que diz respeito às doenças crónicas, das 5 identificadas, 3 são portadoras de doença mental, 1 padece de epilepsia e 1 de bronquite.

Para a caracterização da situação dos “Filhos de Criação”, utilizou-se para cada dimensão um indicador. Assim para a dimensão: a) nutrição, utilizou-se o estado nutricional; b) proteção, registo civil “Está registada”; c) educação, “Frequenta a escola”; para d) cuidado/abrigo “Sente-se feliz e cuidada por um adulto”; e, finalmente, para e) saúde, “Tem o Plano Anual de Vacinação (PAV) completo”.

Verificou-se que a grande maioria das crianças “Filhos de Criação” (92 ou 86,0%) está bem nutrida, mas menos de metade (44 ou 41,1%) está registada. A maioria das crianças anda na escola (84 ou 78,5%), sente-se feliz e cuidada por um adulto (95 ou 88,8%) e tem o plano anual de vacinação completo (78 ou 72,9%).

No caso das dimensões da educação e dos cuidados, encontraram-se casos de crianças pequenas que não tinham idade mínima obrigatória para frequentar a escola¹⁶ ou que ainda não tinham desenvolvido a oralidade de modo a responder à pergunta¹⁷, e, por isso, estes foram registados como N/A.

¹⁶ A Lei de Bases do Sistema Educativo da Guiné-Bissau (Lei nº 4/2011) no artigo 12º alínea 1, afirma que “O ensino básico é universal e obrigatório”. Na mesma lei, no artigo 13º alínea 3, refere que “As crianças que perçam 6 anos de idade entre 2 de outubro e 31 de dezembro podem ingressar no Ensino Básico [desse ano letivo], desde que o encarregado de educação assim o requeira”.

¹⁷ O indicador da Dimensão dos Cuidados “A criança se sente feliz e cuidada por um adulto” é feita diretamente à criança avaliada, estando limitada a resposta à capacidade de produção oral da criança.

3.1.2. Caracterização das “Famílias de Criação”

Na amostra das 72 famílias de criação dos 107 “Filhos de Criação”, a média de idades do pai de criação é de 47,0 anos e da mãe de 39,5 anos. Verificou-se que quanto à etnia, 62 pais (57,9%) e 66 mães (61,7%) de criação são da etnia balanta, seguida da etnia fula, respetivamente, com 18 pais (16,8%) e 16 mães (15,0%).

No que toca à religião, por ordem de valores, quase metade dos indivíduos (96 ou 44,9%) é animista, seguindo-se muçulmanos (58 ou 27,1%) e cristãos (53 ou 24,8%).

No que refere à escolarização, quase metade da amostra (93 indivíduos ou 43,5%) não tem qualquer escolarização, só 19 (8,9%) têm o secundário e 1 (0,5%) tem a licenciatura. É de salientar que em matéria de alfabetização o número de mães analfabetas (70 ou 65,4% das mães) é três vezes superior ao número de pais analfabetos (23 ou 21,5% dos pais).

3.1.3. Caracterização da relação filho de criação e família de criação

Das 72 famílias que apresentam 107 “Filhos de Criação”, a maioria encontra-se na região de Oio (32), seguindo-se, por ordem de valores, Tombali (12), Cacheu (8), SAB (7), Bafatá (6), Quínara (4) e Gabú (3). Considerando a média de crianças ao cuidado destas famílias, verifica-se que as famílias da amostra da região de Bafatá são quem tem mais filhos ao seu cuidado, com uma média de cerca de 24 crianças (23,8)¹⁸, sendo 2 delas (1,8) de criação, seguindo-se Oio, Gabú, Tombali, Quínara, Cacheu e, por fim, SAB

¹⁸ Há que considerar a tipologia de família africana, que inclui famílias alargadas de 2 a 3 gerações e muitas vezes poligâmicas.

com uma média de 3 crianças (2,9) ao cuidado das famílias, sendo 1 delas de criação.

Verifica-se que as crianças são confiadas à família de criação, na sua maioria, com idade igual ou superior a 4 anos, sendo a média de 5 anos (Quadro 6). Igualmente, verifica-se que os “Filhos de Criação” desta amostra encontram-se, em média, na família de criação há 7 anos.

Os dados mostraram que as crianças têm parentesco com, pelo menos, um dos pais de criação, sendo que 62 crianças (57,9%) têm parentesco com a mãe de criação, e, entres estes, 50 (80%) são sobrinhos da mãe de criação (Quadro 7). Por sua vez, 45 crianças (42,1%) apresentam parentesco com o pai de criação, e entre estes, 33 (73%) são sobrinhos.

QUADRO 6 - DISTRIBUIÇÃO DOS FILHOS DE CRIAÇÃO PELAS IDADES EM QUE FORAM CONFIADOS

Idades em que foram confiadas				Em branco	Total
0 - 3 anos	4 - 6 anos	7 - 10 anos	11 - 17 anos		
43	37	16	5	6	107

QUADRO 7- CARACTERIZAÇÃO DO PARENTESCO DA CRIANÇA COM A FAMÍLIA DE CRIAÇÃO

Pai			Mãe		
Avô	Primo	Tio	Avó	Prima	Tia
8	4	33	8	4	50
45			62		

3.2. CARACTERÍSTICAS DOS “FILHOS DE CRIAÇÃO”

3.2.1. Fatores que caracterizam os “Filhos de Criação”

Considerando a Hipótese 1 do estudo “as crianças do sexo feminino, maiores de 4 anos, de etnia balanta, animista, órfã, deficiente, “Criança Irã”, gémea e sobrinha do chefe de família, definem e caracterizam o ser “Filhos de Criação?”, pretendeu-se aferir os fatores que potenciam a escolha e caracterizam os “Filhos de Criação”. Nesse sentido aplicou-se a Regressão Logística às variáveis “Criança é do sexo masculino”, “Idade da Criança”, “Criança é Balanta”, “Criança é Animista”, “Criança é gémea”, “Criança é Criança Irã”, “Criança é órfão de mãe e/ou pai”, “Criança com deficiência” e “Criança é sobrinha do chefe de família” (Quadro 8). Os resultados mostram existir diferenças estatisticamente significativas ($Sig < 0,05$) em todas as variáveis, exceto “Criança é gémea” ($Sig = 0,875$) e “Criança é balanta” ($Sig = 0,875$) (Quadro 8). Em particular, a variável “Criança é do sexo masculino” demonstra as crianças do sexo feminino têm mais probabilidade de serem acolhidas como “Filhos de Criação” do que as de sexo masculino.

Entrecruzando estes resultados com os resultados da análise de conteúdo das entrevistas do “Filhos de Criação” e das “Famílias de Criação”, pode-se constatar que a maioria da amostra define “Filho de Criação” como as crianças que “são confiadas a outros familiares para serem educadas/criadas” e “para ajudarem nas tarefas domésticas” (Quadro 9).

Igualmente, nos resultados da caracterização da relação “Família de Criação” e “Filho de Criação” confirma-se precisamente que todos os “Filhos de Criação” da amostra têm parentesco com pelo menos um dos pais de criação, em particular, 83 (77, 6%) crianças confiadas da amostra são sobrinhos/as dos pais de criação e destas, 50 (60,2%) são sobrinhos da mãe de criação (ver Quadro 7).

QUADRO 8 - REGRESSÃO LOGÍSTICA ÀS VARIÁVEIS QUE CONTRIBUEM E CARACTERIZAM “FILHOS DE CRIAÇÃO”

Variáveis	B	S.E.	Wald	Df	Sig.	Exp(B)
Criança é do sexo masculino	- 0,827	0,322	6,6021	1	0,010	0.437
Idade da criança	0.067	0.022	9,227	1	0,002	1,070
Criança é órfã de mãe ou/e pai	1,342	0.487	7,614	1	0,006	3.828
Criança é gémea	0,167	1,062	0,025	1	0.875	1.182
Criança é “Criança Irã”	3.337	1,306	6,532	1	0,011	28,138
Criança é balanta	0,610	0,341	0,032	1	0,857	1,063
Criança é animista	1,892	0,453	17,404	1	0,000	6,631
Criança é sobrinha do chefe de família	3,119	0,333	87,874	1	0,000	22,619
Criança com deficiência	1,747	0,677	6,655	1	0,010	5,736

QUADRO. 9 - DISTRIBUIÇÃO DE RESPOSTAS DA CATEGORIA C.1 “SER FILHO DE CRIAÇÃO” – AMOSTRA “FILHOS DE CRIAÇÃO” E “FAMÍLIA DE CRIAÇÃO”

C.1. Ser “Filho de Criação” “Filhos de Criação”		C.1. Ser “Filho de Criação” “Família de Criação”	
Não sabe	38	“Criança Confiada” a outra família para ser cuidada e/ou educada	60
As crianças que são para trabalho doméstico	21	“Criança Confiada” a outra família para ajudar nas tarefas domésticas	28
As crianças que são dadas pelos pais a outros familiares para estas serem “homens/ mulheres” grandes	11	Criança que vai casar no futuro	8
Muitos filhos dão um para criação	6	Quando uma família tem muitas crianças, entrega uma a outra família para ser cuidada e/ou educada	3
Não se considera filho de criação	6	Outros	12
As crianças que são cuidadas por outras famílias para irem estudar	4		
Em branco	6		
Outras	1		

A ligação familiar também pode ser verificada quando é perguntado aos “Filhos de Criação” e à “Família de Criação”, se já havia conhecimento prévio das famílias (Quadro 10), resultando na confirmação desse conhecimento por existirem vínculos familiares entre as partes.

Se igualmente conjugarmos a definição do conceito “Filho de Criação” com o motivo e a motivação que levaram à “confiança”, verifica-se que a maior parte das crianças identificaram essencialmente como motivos para terem sido confiadas: (i) para serem cuidadas, visto que a família biológica não tinha condições e a família de criação (ii) precisava de ajuda nos trabalhos domésticos; (iii) para estudar, facilitando a proximidade à escola ou capacidade financeira para proporcionar estudos à criança; (iv) por doença; e (v) com fim ao casamento (Quadro 11).

QUADRO. 10 - CONHECIMENTO PRÉVIO DA FAMÍLIA DE CRIAÇÃO E BIOLÓGICA (MOTIVO E PROCESSO): CONHECIMENTO – AMOSTRA “FILHOS DE CRIAÇÃO” E “FAMÍLIA DE CRIAÇÃO”

C.2.5 Conhecimento prévio da “Família de Criação” “Filhos de Criação”		C.2.1 Conhecimento prévio da “Família Biológica” “Família de Criação”	
Conhecia	39	Conhecia	87
É familiar que frequentava a casa dos pais biológicos	25	Através de relações familiares	50
Outros	10	Através de visitas a casa	20
Não Conhecia	52	Viviam na mesma tabanca	7
Em branco	2	Outros	8
Total	93	Não Conhecia	4
		Em branco	2

QUADRO. 11 - CONHECIMENTO PRÉVIO DA “FAMÍLIA DE CRIAÇÃO” E “BIOLÓGICA” (MOTIVO E PROCESSO): MOTIVO - AMOSTRA “FILHOS DE CRIAÇÃO” E “FAMÍLIA DE CRIAÇÃO”

C.2.4 Motivo da “Família Biológica” “Filhos de Criação”		C.2.2 Motivo da “Família Biológica” “Família de Criação”	
Precisavam de ajuda em casa	16	Relações familiares (pertencem à mesma família)	24
Para ser cuidada/educada por outra família (“Família Biológica” sem condições)	16	Confiança	21
Doença	9	Porque eles não tinham condições para ter a criança	15
Para poder estudar porque a casa é mais próxima da escola	6	Para ajudar nas tarefas domésticas	5
Para preparar para o casamento	4	Porque a criança estava comprometida para casar	2
Para estudar árabe e alcorão	3	Não sabe	4
Não sabe	14	Outros	18
Outros	10	Em branco	6
Em branco	15		

Por sua vez a amostra “Família de Criação”, atribuiu o motivo da entrega da criança às relações familiares, à existência de confiança familiar e à falta de condições por parte da “Família Biológica”. Os motivos da “Família Biológica” vão ao encontro das motivações que levaram a “Família de Criação” (Quadro 12) a receber a criança. Quer nos motivos, quer nas motivações, a subcategoria “ajuda nas tarefas domésticas” é referida pela “Família de Criação”.

Estes motivos e motivações são referenciados na literatura como os aspetos que levam as famílias a confiar e acolher crianças, enquadrando-se assim a “confiança e as relações familiares” no envolvimento familiar como meio de fortalecer os laços familiares (Jacquemin, 2000), o que igualmente é esperado na solidariedade da família face às dificuldades económicas ou à morte de um ou dos dois elementos da família nuclear

QUADRO. 12 - CONHECIMENTO PRÉVIO DA “FAMÍLIA DE CRIAÇÃO” E “BIOLÓGICA” (MOTIVO E PROCESSO): MOTIVAÇÃO PARA SER “FAMÍLIA DE CRIAÇÃO” – AMOSTRA “FAMÍLIA DE CRIAÇÃO”

C.2.3 Conhecimento prévio da “Família de Criação” e “Biológica” (motivo e processo): motivação para ser “Família de Criação” “Família de Criação”	
Por compromisso ou dever com a família	51
Para apoiar na educação e/ou criação da criança	12
Porque precisava de ajuda nos trabalhos domésticos	7
Outros	21
Em branco	4

(Dehusses, 2005). A escolarização como aposta na geração futura representada na criança, e o modo de aliança, eternizado no compromisso de casamento (Beck, 2014; Faussey-Domalain, 2000; Vendermeersch, 2002), são também aspetos que se verificam nas respostas das amostras. Assim compreende-se os resultados da Hipótese 1 do estudo que mostrou estatisticamente que as variáveis parentesco com o chefe da família de criação, orfandade, criança com deficiência e “Criança Irã”¹⁹ são fatores que influenciam e caracterizam os “Filhos de Criação” (ver Quadro 8).

A idade e sexo da criança, variáveis exploradas igualmente na Hipótese 1, revelaram resultados estatisticamente significativos, sendo possível afirmar que estes são, também, fatores que influenciam e caracterizam ser “Filho de Criação”. Na caracterização da amostra verificou-se que, em média, os “Filhos de Criação” têm 11 anos e foram confiados entre os 4-5 anos. A grande maioria da amostra de “Filhos de Criação” era do sexo feminino, representando 75,7%, enquanto apenas 24,3% eram do sexo masculino (ver Quadro 3). O resultado destes dois fatores, idade e o sexo, como característica dos “Filhos de Criação”, também pode encontrar explicação através dos motivos e motivações que levam a serem confiadas as crianças. Isto é, há uma tendência da “Criança Confiada” ser uma criança mais velha de modo que possa ajudar nos trabalhos domésticos, seja preparada “para o casamento” e tenha idade de escolarização. Por sua vez, “preparar para o casamento” e a “ajuda nas tarefas domésticas” são motivos e motivações que justificam e reforçam a tendência dos “Filhos de Criação” serem do sexo feminino. Esta tendência verifica-se quando se

cruza a distribuição de “sexo da criança” com o motivo de ter sido confiada (Quadro 13).

Considerando que as crianças são confiadas a partir dos 4 anos, esse fator permite que a criança tenha memória da sua família biológica/origem. Esta ligação cognitiva e emocional é igualmente reforçada se considerarmos que as crianças são mantidas dentro das fronteiras familiares, étnicas e geográficas. Isto permite que a criança mantenha de algum modo uma ligação com a família biológica, o que justifica a vontade expressa destas quererem voltar à família (Quadro 14).

QUADRO. 13 - DISTRIBUIÇÃO, POR SEXO DA CRIANÇA, DOS MOTIVOS/MOTIVAÇÕES DE SER CONFIADA

C.2.4 Conhecimento prévio da Família de criação e biológica: motivo/motivações	Filhos de Criação	
	Feminino	Masculino
Precisavam de ajuda em casa	13	3
Para ser cuidada/educada por outra família (família biológica sem condições)	12	4
Doença	6	3
Para poder estudar porque a casa é mais próxima da escola	2	4
Para preparar para o casamento	4	0
Para estudar árabe e alcorão	0	3
Outros	10	0

¹⁹ Como referido anteriormente, a categorização “Criança Irã” inclui também crianças com deficiência, crianças doentes bem como crianças “diferentes”, muitas vezes consideradas pelas comunidades como crianças feiteiras/possuídas. Assim, esta tipologia dentro dos “Filhos de Criação” pode agregar as crianças doentes (doentes mais as deficientes) mas também as identificadas como feiteiras ou vítimas de feitiço, que também é um fator que potencia uma criança ser confiada (Dahiré 2006).

Por sua vez, o tempo de permanência na “Família de Criação”, que no momento do estudo na amostra era de 7 anos, apesar do seu caráter temporário, tende para a permanência definitiva da criança na “Família de Criação”, como afirma Dehusses (2005). Esta tendência poderá reforçar a crença na “Família de Criação” de que a criança queira permanecer nesta, em vez de querer voltar para a família biológica (Quadro 15).

QUADRO. 14 - PERCEÇÃO, ATITUDES E MEMÓRIA FACE À “FAMÍLIA BIOLÓGICA” – AMOSTRA “FILHO DE CRIAÇÃO”

C.3 Percepção, atitudes e memória face à Família biológica “Filhos de Criação”	
Não se lembra	11
O pai e/ou mãe faleceram	5
Sim, lembra-se e gostaria de voltar	50
Cognitivo: filho/a tem que estar com os pais	5
Cognitivo: outros	5
Emocional: continua a gostar dos pais	2
Emocional: tem saudades	7
Emocional: outros	3
Sim, lembra-se mas não gostaria de voltar	26
Cognitivo: não poderia estudar	1
Emocional: não gosta dos seus pais	2
Emocional: outros	11
Em branco	1
Total	93

Ainda nos resultados da Hipótese 1, verifica-se que o ser da etnia balanta não influencia e caracteriza ser “Filho de Criação”. Este fenómeno é praticado transversalmente em todas as etnias.

QUADRO. 15 - PERCEÇÃO, ATITUDES E MEMÓRIA FACE À “FAMÍLIA BIOLÓGICA”: GOSTAVA DE VOLTAR PARA “FAMÍLIA BIOLÓGICA” – AMOSTRA “FAMÍLIA DE CRIAÇÃO”

C.3.1 Percepção, atitudes e memória face à “Família Biológica”: gostava de voltar para “Família Biológica” “Família de Criação”	
Não	50
Porque sabe que os pais morreram e não tem mais ninguém	1
Ela gosta da “Família de Criação”	23
Outros	20
Sim	40
Os filhos têm que estar com os pais biológicos	31
Já está grande e já fez a escola	3
Outros	6
Em branco	5
Total	95

3.2.2. Comparação dos grupos “Filho de Criação”, “Não Filho de Criação” e “Filho Biológico” sobre as cinco dimensões

As Hipóteses 2 e 3 do estudo pretendem verificar a existência de diferenças significativas quanto ao bem-estar dos “Filhos de Criação” comparativamente às outras crianças da amostra, com especial foco nos filhos biológicos das “Famílias de Criação”, nas cinco dimensões avaliadas.

Ao testar a hipótese 2 do estudo verifica-se que os “Filhos de Criação” apresentam, de um modo geral, menor bem-estar do que os “Não Filhos de Criação” nas dimensões da nutrição, proteção, saúde, educação e cuidado/abrigo. Por sua vez ao comparar o grupo “Filho de Criação” com o grupo “Não Filho de Criação”, não se encontraram diferenças significativas ($p > 0,05$) no que diz respeito à «Educação» (estar ou não matriculado na escola) e à «Saúde» (com PAV completo ou não) (Quadro 16). No entanto, verificaram-se diferenças significativas ($p < 0,05$) nas dimensões da “nutri-

QUADRO 16 - COMPARAÇÃO ENTRE AMOSTRA DOS “FILHO DE CRIAÇÃO” COM OS “NÃO FILHO DE CRIAÇÃO” EM 5 DIMENSÕES

Dimensões	Indicadores	Filho de Criação		Não Filho de Criação		pi
		N	%	N	%	
Nutrição	Não Nutrido	10	9,8	159	4,9	0,026
	Nutrido	92	90,2	3087	95,1	
Proteção	Não Registrado	60	57,7	1210	36,4	0,000
	Registrado	44	42,3	2117	63,6	
Educação	Não Matriculada	15	15,2	360	13,3	0,587
	Matriculada	84	84,8	2354	86,7	
Cuidados	Não se sente Feliz e Cuidada	4	3,7	33	1,0	0,000
	Sente-se Feliz e Cuidada	97	90,7	2770	81,9	
Saúde	PAV. Incompleto	4	4,0	56	1,7	0,820
	PAV. Completo	96	96	3267	98,3	

¹ Teste Qui-Quadrado de Pearson (χ^2) com significância a 95% ($p < 0,05$)

ção" ($p=0,026$), "proteção" ($p=0,00$) e "cuidado/abrigo" ($p=0,00$) (Quadro 16). Assim, os "Filhos de criação" tendem a ser menos registrados e mais desnutridos do que os "Não Filho de Criação". No que diz respeito à dimensão de "cuidado/abrigo" as crianças dos dois grupos apresentaram maior frequência no indicador "Sente-se Feliz e Cuidada", mas são os "Filhos de Criação" que mais expressaram o indicador "não se sentem felizes e cuidados por um adulto".

Como referido nas dimensões, educação e saúde não se registaram diferenças significativas, porém os "Filhos de Criação" apresentam tendencialmente mais risco (maior percentagem) comparativamente às outras crianças. Ainda nos resultados da hipótese 2, será de referir a divergência existente na dimensão "Cuidados" pois apesar das crianças confiadas sentirem-se menos felizes e cuidadas por um adulto, também são as que mais afirmam serem felizes e cuidadas por este.

QUADRO 17 - COMPARAÇÃO ENTRE AMOSTRA DOS FILHOS DE CRIAÇÃO COM OS FILHOS BIOLÓGICOS EM 5 DIMENSÕES

Dimensões	Indicadores	Filho de Criação		Não Filho de Criação		pi
		N	%	N	%	
Nutrição	Não Nutrido	10	9,8	33	10,9	0,763
	Nutrido	92	90,2	271	89,1	
Proteção	Não Registrado	60	57,7	166	53,4	0,345
	Registrado	44	42,3	151	47,6	
Educação	Não Matriculada	15	15,2	60	23,7	0,078
	Matriculada	84	84,8	193	76,3	
Cuidados	Não se sente Feliz e Cuidada	4	4,0	3	1,1	0,068
	Sente-se Feliz e Cuidada	97	96,0	272	98,9	
Saúde	PAV. Incompleto	4	4,0	2	0,7	0,016
	PAV. Completo	96	96,0	304	99,3	

¹ Teste Qui-Quadrado de Pearson (χ^2) com significância a 95% ($p<0,05$)

Na Hipótese 3 do estudo, “os “Filhos de Criação” apresentam menor bem-estar do que os “Filhos Biológicos” da “Família de Criação” nas dimensões da nutrição, proteção, educação, cuidado/abrigo e saúde”, porém não se encontraram diferenças significativas ($p>0,05$), com exceção da dimensão “Saúde” ($p=0,016$) em que são mais as crianças “Filhos de Criação” a não terem o Plano Anual de Vacinação completo (Quadro 17), o que acarreta um maior risco para a saúde destas.

Apesar dos resultados obtidos para esta hipótese não serem significativamente diferentes entre grupos, com exceção da dimensão da saúde, verificam-se divergências em algumas dimensões, como o da proteção, cuidados e saúde comparativamente a da educação e nutrição. Apesar de haver crianças confiadas menos registadas, com PAV mais incompleto e a sentirem-se menos felizes e cuidadas, são aquelas que comparativamente aos filhos biológicos da “Família de Criação” tendem a ser mais matriculadas na escola e mais nutridas. Estas divergências poderão ocorrer pelo efeito de erros de preenchimento ou de inserção de dados, mas também pelo facto de ser uma amostra pequena e haver contaminação dos “Filhos de Criação” órfãos. No entanto, estas divergências acolhem igualmente uma explicação na literatura, pois tende haver antagonismo nas práticas parentais para com as “Crianças Confiadas”, isto é, os pais de criação podem ter práticas diferenciadas entre os seus filhos biológicos e a criança que lhes foi confiada, questão que merece um estudo subsequente. Esta diferenciação muitas vezes coloca em risco o bem-estar e o respeito pelos direitos da criança (Faussey-Domalain, 2000; Jaccquemin, 2000; Pilon, 1992). Mas a diferenciação pode, também, ser positiva, na medida em que a “Família de Criação” garante o bem-estar da “Criança Confiada” (Beck *et al.*, 2014), estando assim os pais de criação a cumprir o trato com a família nuclear da “Criança Confiada” (resposta ao motivo e coerência na prática parental com a motivação de prover bem-estar na criança). Esta divergência parece ocorrer também nesta amostra, visto a

“Família de Criação” afirmar que “tratam do mesmo modo filhos biológicos e de criação” (Quadro 18) e os “Filho de Criação” afirmarem que gostam da família porque “são bons para ele e o tratem bem”, pois possibilitam que este tenha “acesso a várias coisas (educação, comida, roupa...)”.

Será relevante referir que fatores como os programas das cantinas escolares que abrangem a maior parte das escolas na Guiné-Bissau, podem estar a contribuir para a percentagem de crianças confiadas que estão nutridas e matriculadas.

QUADRO. 18 - RELAÇÃO ENTRE “FILHO DE CRIAÇÃO” E “FAMÍLIA DE CRIAÇÃO”:
TRATAM DO MESMO MODO – AMOSTRA “FILHO DE CRIAÇÃO” E
“FAMÍLIA DE CRIAÇÃO”

C.4.1. Relação entre “Filho” e “Família de Criação” “Filho de Criação”		C.4.2 Relação entre “Filho” e “Família de Criação”: tratam do mesmo modo “Família de Criação”	
Sim	76	Sim	91
Permite estudar	5	Comem da mesma comida	37
Tem o que comer	2	Fazem os mesmos trabalhos em casa	4
Sou bem tratada/cuidada	13	Vão juntos para a escola	21
Outros	21	Outros	41
Não	15	Não	0
Batem-lhe	1	Em branco	4
Outros	4		
Em branco	2		

QUADRO. 19 - PRESENTE E FUTURO DO “FILHO DE CRIAÇÃO”: PRESENTE - AMOSTRA “FILHO DE CRIAÇÃO” E “FAMÍLIA DE CRIAÇÃO”

C.5.1 Presente e Futuro do “Filho de Criação”: Presente	Filho	Família
De manhã		
Lava a roupa, cozinha e/ou buscar água e lenha	70	63
Aprende árabe e o alcorão	1	2
Vai à escola e faz os deveres da escola	29	25
Vai para o mercado e/ou vender	2	2
De tarde		
Aprende árabe e o alcorão	3	5
Brinca com as outras crianças	3	5
Cuida das outras crianças	6	2
Lava a roupa, cozinha e/ou buscar água e lenha	58	42
Vai à escola e faz os deveres da escola	27	25
De noite		
Aprende árabe e o alcorão	4	5
Brinca com as outras crianças	3	3
Dorme	3	2
Lava a roupa, cozinha e/ou buscar água e lenha	5	2
Vai à escola e faz os deveres da escola	17	22
Outros	9	24

No entanto, na dimensão da educação, e comparando com os resultados do Quadro 5 verifica-se que, apesar dos “Filhos de Criação” tenderem a ser mais matriculados do que os seus irmãos de criação, os resultados escolares das crianças confiadas não são positivos. Se considerarmos que em média as crianças foram confiadas a partir dos 4 anos e tendo estas na altura do estudo uma média de 11 anos, constata-se que grande parte da amostra está ou ficou pelo 1º ciclo do ensino básico, mais concretamente pelos primeiros dois anos de escolaridade. Assim, e como refere Delomez e colaboradores (2014) e Faussey-Domalain (2000), muitas das vezes, apesar das “Famílias de Criação” matricularem as crianças na escola, cumprindo o compromisso com a “Família Biológica” da criança, no decorrer do tempo, a criança é dirigida e ocupada com as tarefas domésticas que se sobrepõem ao tempo escolar. Este facto constata-se na análise das tarefas diárias das “Crianças Confiadas” (Quadro 19).

QUADRO. 20 - RELAÇÃO ENTRE “FILHO DE CRIAÇÃO” E “FAMÍLIA DE CRIAÇÃO”: GOSTA DA CRIANÇA – AMOSTRA “FAMÍLIA DE CRIAÇÃO”

C.4.1 Relação entre “Filho” e “Família de Criação”: gosta da criança Família de Criação	
Sim	90
Brinca muito (é muito social)	1
É muito trabalhador e obediente	34
É membro da família	24
Outros	30
Não	0
Em branco	3

Verifica-se que, uma parte significativa do dia, as crianças ficam ocupadas com tarefas como lavar roupa, cozinhar e buscar água e/ou lenha. Os mesmos aspetos são reforçados por parte da “Família de Criação” quando responde afirmativamente à pergunta “gosta da criança que lhe foi confiada?”, justificando-se com o facto de a criança ser trabalhadora e obediente (Quadro 20).

Na Hipótese 4 do estudo, “Filhos de Criação” do sexo feminino apresentam menor bem-estar do que os do sexo masculino, quanto às dimensões de nutrição, proteção, educação, cuidado/abrigo e saúde”, procedeu-se à comparação dos “Filhos de Criação” do sexo feminino e do sexo masculino, e não se verificou diferenças significativas ($p > 0,005$) entre as duas amostras nas cinco dimensões (Quadro 21).

QUADRO 21 - COMPARAÇÃO ENTRE OS FILHOS DE CRIAÇÃO DO SEXO FEMININO E DO SEXO MASCULINO EM 5 DIMENSÕES

Dimensões	Indicadores	Filho de Criação				pi
		Sexo Feminino		Sexo Masculino		
		N	%	N	%	
Nutrição	Não Nutrido	7	9,1	3	12,0	0,679
	Nutrido	70	90,9	22	88,0	
Proteção	Não Registrado	47	58,8	33	41,3	0,690
	Registrado	13	54,2	11	45,8	
Educação	Não Matriculada	14	18,7	1	4,2	0,850
	Matriculada	61	81,3	23	95,8	
Cuidados	Não se sente Feliz e Cuidada	3	3,9	1	4,0	0,991
	Sente-se Feliz e Cuidada	73	96,1	24	96,0	
Saúde	PAV. Incompleto	3	4,9	1	4,2	0,962
	PAV. Completo	73	96,1	23	95,8	

¹ Teste Qui-Quadrado de Pearson (χ^2) com significância a 95% ($p < 0,05$)

Apesar de não se ter obtido diferenças significativas entre sexos dos “Filhos de Criação”, verifica-se que, na dimensão da educação, as crianças do sexo feminino tendem a ser menos matriculadas na escola do que as crianças do sexo masculino. Logo, as “Crianças Confiadas” do sexo feminino tenderão a ter menos escolaridade do que as do sexo masculino e a ser-lhes atribuídos mais trabalhos domésticos comparativamente aos seus congéneres do sexo masculino (ver Quadro 13).

QUADRO. 22 - PRESENTE E FUTURO DO “FILHO DE CRIAÇÃO”: FUTURO - AMOSTRA “FILHO DE CRIAÇÃO” E “FAMÍLIA DE CRIAÇÃO”

C.5.2 Presente e Futuro do “Filho de Criação”: Futuro “Filho de Criação”		C.5.2 Presente e Futuro do “Filho de Criação”: Futuro “Família de Criação”	
Professor/a; Educador/a	35	Ser mãe/pai e ter um marido/mulher	30
Enfermeira/o; médica/o	9	Ser honesta/a, bom homem/mulher	15
Trabalhar na função pública/governo (não específico)	4	Enfermeira/o; medica/o	6
Quero ser mãe/pai e ter um marido/mulher	2	Professor/a; Educador/a	5
Vendedora/comerciante	1	Trabalhar na função pública/governo (não específico)	5
Outros	16	Outros	20
Não quero ser nada/Não sabe	20	Não sabe	9
Em branco	5	Em branco	8

A não importância dada à educação das crianças confiadas, principalmente das do sexo feminino, leva também a justificar as divergências entre o futuro que a família de criação atribui à criança e a própria perspectiva da criança sobre o seu futuro. Enquanto a “Família de Criação” deseja que a criança tenha um marido/mulher e que seja pai/mãe, a criança projeta-se no futuro como professora ou educadora ou mesmo enfermeira ou médica (Quadro 22).

No plano mais macro a confiança é uma prática socialmente aceite e considerada no direito costumeiro da Guiné-Bissau, direito este que se baseia essencialmente na tradição (Loureiro-Bastos *et al.*, 2011). Por sua vez, o direito positivo ou legal não prevê a clara regulamentação das famílias de acolhimento ou de adoção restrita.

Deste modo, verificou-se que quer no plano familiar, quer no plano social ou mesmo legal, ser “Filho de Criação” na realidade da Guiné-Bissau pode ser uma situação de risco para a criança, isto é, “não é assegurado o seu pleno desenvolvimento, a garantia do reconhecimento da sua dignidade e a proteção da sua vida” (Garcia & Bracho, 2006, p. 32).

CONCLUSÕES & RECOMENDAÇÕES

Considerando o estado da arte e a análise dos resultados obtidos neste estudo, pode-se então concluir que há uma multiplicidade de razões que justificam e caracterizam a prática da “confiança”. No entanto, neste estudo conseguiu-se alcançar alguns pontos que esclarecem e explicam este fenómeno na Guiné-Bissau, tendo em conta o ponto de vista da criança confiada e da sua “Família de Criação”.

A primeira clarificação a que o estudo respondeu é a definição do termo utilizado na sociedade guineense “Filho de Criação” ou *Mininu di Kriason*, que corresponde à definição de *Fosterage* ou *Enfants Confié*, na medida em que a criança é confiada a outros elementos da família alargada, sendo que esta não é descendente direta da primeira geração do chefe de família (Dahiré, 2006). O presente estudo conduziu-nos a essa mesma conceito, bem como à caracterização do que é ser criança confiada na Guiné-Bissau. Assim, esta caracteriza-se por: i) ser essencialmente do sexo feminino, ii) sobrinha dos pais de criação, em especial da mãe de criação, iii) ser uma criança com idade igual ou superior a 4 anos, iv) ser órfã (de pai/mãe ou ambos), v) criança deficiente ou doente e vi) “Criança Irã”.

Outra evidência do estudo é a relação entre as características que definem os “Filhos de Criação” e os motivos e motivações que levam as famílias a confiar e acolher estas crianças, como seja: i) ser cuidada por falta de condições na família ii) necessidade de ajuda por parte da família de criação nos trabalhos domésticos ; iii) a necessidade de escolarização e iv) o comprometimento para o casamento, que são fatores que justificam que as crianças sejam do sexo feminino, mais velhas e tenham parentesco com a família de criação.

Na raiz da relação entre os fatores que caracterizam as crianças confiadas e motivos/motivações encontram-se questões sociais e étnicas, tal como também já referido por outros autores (Beck *et al.*, 2014; Dehusses, 2005; Henriques *et al.*, 2015; Jacquemin, 2000;). O presente estudo corrobora o de Henriques e colaboradores (2015) que descreve a confiança como um fenómeno transversal a todas as etnias guineenses, de realçar em particular a etnia balanta (etnia dominante na amostra do estudo), que tem a tradição de confiar as crianças do sexo feminino às tias (normalmente irmãs mais velhas da mãe biológica), de modo a estas serem suas tutoras na preparação para a vida adulta.

Através do estudo realizado pode-se concluir também que a situação de criança confiada poderá estar associada a outras situações de violação dos direitos das crianças, como o casamento precoce e, muitas vezes, forçado, bem como a padrões familiares que alimentam estereótipos de género que condicionam e autodeterminam as crianças, principalmente as do sexo feminino, a determinados papéis na família e na sociedade. Na base destas violações à autodeterminação da criança e à sua dignidade, verifica-se que existe, nos Estados frágeis como a Guiné-Bissau, um foco na importância da capacidade de produção da família, como já evidenciado por Dehusses, 2005, e nesse sentido a criança passa a ser um canal (para a família biológica) e um elemento (para a família de criação) que tem como finalidade ser fonte de rendimento e de produção, muitas vezes vista como uma mais-valia como mão-de-obra. Nesse sentido o microsistema familiar deixa de ser um subsistema de proteção para a criança, e passa a ser um subsistema em que a própria criança tem que contribuir como elemento de suporte e de produção.

No desenvolvimento deste estudo foram identificados alguns pontos que merecem ser aprofundados em próximas investigações. De igual modo, considerou-se importante deixar algumas recomendações para futuras intervenções no campo da proteção e dos direitos das crianças na Guiné-Bissau.

Tendo em conta a heterogeneidade dos modelos explicativos da “confiança”, mas principalmente das consequências deste ato no que toca a garantir (ou não) o bem-estar das crianças, sugere-se que em futuros estudos seja ampliada a amostra de “Filho de Criação”, bem como a sua abrangência geográfica. Esta abrangência geográfica deve englobar em particular o Arquipélago dos Bijagós (zona geográfica não abrangida por este estudo), por supor-se que o isolamento inerente à vivência insular acarretará outras variáveis para este fenómeno.

Seria igualmente importante a realização de estudos longitudinais, não só pela reduzida literatura existente, mas também para melhorar o apuramento das possíveis consequências deste fenómeno, na fase adulta, no que diz respeito aos direitos das crianças. Tais estudos longitudinais permitirão, ao contrário do transversal, perceber os efeitos a longo prazo da “confiança”, através do acompanhamento do desenvolvimento das crianças confiadas. Será conveniente, em estudos mais aprofundados, separar as crianças órfãs (de pai, mãe e de ambos) da amostra dos “Filho de Criação” (Coppoletta et al., 2011; Delomez, 2014), apesar de no decorrer do presente estudo ter havido, sempre que possível, o cuidado de isolar esta categoria, considerando que estas crianças apresentam, de modo geral, uma trajetória diferente das “Crianças Confiadas”, na medida em que não têm “Família Biológica”, e a confiança tende a não ser temporária como na maioria das “Crianças Confiadas”.

Apesar do estudo ter presente a dinâmica “família de criação” – criança - “família biológica”, e de ter explorado esta relação, seria pertinente no futuro também incluir entrevistas à família biológica, para melhor afeirir os motivos da escolha da família de criação e da criança, bem como verificar a existência de diferenças a nível de desenvolvimento entre as crianças confiadas e os seus irmãos biológicos. Ainda no âmbito familiar, será pertinente aprofundar as práticas parentais da “família de criação” como variável de estudo comparativo entre as crianças confiadas e os filhos biológicos da família de acolhimento, bem como a existência de diferenças entre pares por sexo. Além disso, considera-se importante a análise da existência de padrões familiares na prática da confiança e na replicação destes padrões por parte das crianças confiadas e filhos biológicos das famílias de criação. Por fim, considera-se importante aprofundar a existência e a prática da confiança em outras culturas e continentes, de modo a estabelecer comparações interculturais.

No que toca a recomendações para melhorar as políticas públicas e de intervenção em proteção de crianças, incluindo as crianças confiadas, destaca-se a importância da existência de um código de proteção da criança, em que sejam agregadas todas as leis e regulamentações que dizem respeito à proteção, e, em particular, as leis de proteção das crianças em situações de risco. De igual modo, este código deve ter em consideração as crianças em acolhimento temporário. Apesar de existirem propostas de lei para regulamentar as Famílias de Acolhimento Temporário e Regulamentação para Casas de Acolhimento de Crianças e Adolescentes (já aprovadas em Conselho de Ministros a 12/2017), estas carecem ainda de aprovação da Assembleia Nacional Popular. Apesar do código civil da Guiné-Bissau prever a adoção plena e restrita (Código Civil da Guiné-Bissau, artigos 1973 e seguintes), a sua regulamentação e aplicabilidade continua dúbia, pouco exequível e ultrapassada, pelo que seria necessária a sua atualização e enquadramento num desenho de um sistema

de proteção da criança. Considera-se igualmente imperioso o desenho e implementação de um sistema de proteção da criança na Guiné-Bissau, para uma maior coordenação e articulação entre entidades públicas e não-governamentais, clareza e operacionalidade dos procedimentos e canais de sinalização, bem como o encaminhamento das crianças em situação de risco.

Por fim, e seguindo o princípio dos três “P” (Proteção – Prevenção – Promoção) (Peltola & Testro, 2007; Tomison & Wise, 1999), sugere-se um trabalho a nível do microssistema familiar com a implementação de programas de educação parental.



BIBLIOGRAFIA

Akresh, R. (2009). Flexibility of household structure: Child fostering decisions in Burkina Faso. *Journal of Human Resources*, 44, 976-997.

Anderson, K. (2004). Urth Noe e Tat. The Question of Fosterage in High Medieval Wales. *North American Journal of Welsh Studies*, 4(1), 1-11

Baldé, A. (2010). *The case of Talibé Children: Un veiling one of the faces of West. Africa poverty*. Disponível em <http://erd.eui.eu/media/2010/Balde.pdf>

Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70

Beck, S.; De Vreyer; Lambert, S.; Marazyan, K. & Safir, A. (2014). *Child Fostering in Senegal*. Consultado em 12 de fevereiro 2018. Disponível em <http://www.cepremap.fr/depot/docweb/docweb1403.pdf>

Coppoletta R., De-Vreyer, P.; Lambert, S. & Safir, S. (2011). *The long-term impact of child fostering in Senegal: Adults fostered in their childhood, mimeo*. Paris : Paris School of Economics.

Dahiré, B. (2006). Le sexe et le statut de l'enfant dans le ménage - enfant confié ou enfant du couple - peuvent-ils être des facteurs de discrimination?. *Enfants d'Aujourd'hui diversité des contextes pluralité des parcours*, 1(11), 124-139

Dehusses, M. (2005). Du confiage à l'esclavage "Petites Bonnes" ivoiriennes en France. *Cahiers d'études Africaines*, 3-4(179), 731-750

Delomez, H. (2014). *Étude sur les violences faites aux enfants en République de Guinée*. Disponível em https://www.sfcg.org/wp-content/uploads/2015/11/Appendix-03_Suppl%C3%A9ment-Revue-de-la-litt%C3%A9rature-sur-les-Violences-faites-aux-enfants-en-Guin%C3%A9-Octobre-2014_Helene-Delomez.pdf

Einarsdóttir, J.; Boiro, H.; Geirsson, G. & Gunnlangsson, G. (2015). *Child trafficking in Guinea-Bissau: An explorative study*. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/265309174_Child_trafficking_in_Guinea-Bissau_An_explorative_study?enrichId=rgreq-95c6da33825bedb77e-36f867675feb61-XXX&enrichSource=Y292ZXJQYWdIOzI2NTMwOTE3N-DtBUzoxODgwNTY0MTgxMzYwNjZAMTQyMTg0NzU1Mjc3NA%3D%3D&el=1_x_2&_esc=publicationCoverPdf

FEC (Coordenação Moniz-Alves, S. & Gonçalves, F.) (2015). Estudo de Caso Criança Irã: Uma violação dos Direitos das Crianças na Guiné-Bissau. Disponível em <http://www.fecong.org/pdf/publicacoes/estudoCriancaIrã.pdf>

FEC (Coordenação Moniz-Alves, S.) (2017) Relatório da Situação da Criança na Guiné-Bissau 2015/2016. Disponível em http://www.fecong.org/pdf/publicacoes/FEC_Relatorio_SituacaoCrianca_na_GB_site.pdf

Faussey-Domalin, C. (2000). *Une économie villageoise en Côte-d'Ivoire: -La terre, l'école et l'exode*. Paris: Editions L'Harmattan.

Fiasorgbor D.; Atibilla, M.; Tettey, C. & Botchwey F. (2015). The Lived Experiences of Quranic Boarding School Pupils in the Bawku Municipality, Ghana. *International Journal of Community Development*, 3 (2), 79-90.

Garcia, F. & Bracho, A. (2006). *Introducción al Trabajo Social*. Madrid: Editora Alianza

Henriques, A.; Silva, C.; Sá, I.; Có, J.; Sambu, M.; Fernandes, S.; Camara, S. & Cabral, Y. (2015). *Desafios Ora Di Diritu*. Lisboa: ACEP

Human Rights Watch (2010). *Off the back of the children: Forced begging and other abuses against talibés in Senegal*. Disponível em <http://www.hrw.org/en/node/89479/section/8>

Jacquemin, M. (2000). "Petites nièces" et petites bonnes, le travail des fillettes en milieu urbain de Côte-d'Ivoire. *Journal des africanistes*, 70 (1-2), 105-122.

Loureiro-Bastos, F.; Jao, M. & Guerreiro, S. (2011). *Direito Costumeiro Vigente na República da Guiné-Bissau: Balantas, Fulas, Mancanhas, Manjacos, Mandigas e Papeis*. Disponível em <https://guinebissaudocs.files.wordpress.com/2012/04/livro-direito-costumeiro-vigente-na-republica-da-guine-bissau.pdf>

Parkes, P (2004). Fosterage, Kinship, and Legend: When Milk was Thicker than Blood?. *Comparative Studies in Society and History*, 46, 587–615.

Parkes, P. (2001). Alternative Social Structures and Foster Relations in the Hindu Kush. Milk Kinship Allegiance in Former Mountain Kingdoms of Northern Pakistan. *Comparative Studies in Society and History* 43,4-36.

Parkes, P. (2006). Celtic Fosterage: Adoptive Kinship and Clientage in Northwest Europe. *Society for Comparative Study of Society and History* 48(2), 359-95.

Peltola, C. & Testro, P. (2007). *Towards a better future for children: Preventing child abuse and neglect*. Queensland: Queensland Government, Department of Communities

Pilon, M. (1992). *Confiance et scolarisation en Afrique de l'ouest, un état de la connaissance. Background paper for The 2003 EFA Monitoring Report*. Paris: UNESCO

Seurat, A. (2016). *Práticas parentais para com as crianças dos 0 aos 6 anos na Guiné-Bissau*. Bissau: UNICEF

Tomison, A. & Wise, S. (1999). Community-based approaches in preventing child maltreatment. *Issues in Child Abuse Prevention*, 11, 1-20

UNICEF (1999). *Child domestic work. Innocenti Digest 5*. Florence: Unicef International Child Development Center.

UNICEF (2009). *Tráfico de crianças na Guiné-Bissau: um estudo exploratório*. Bissau: UNICEF

INE (2015). *Quinto Inquérito aos Indicadores Múltiplos da Guiné-Bissau (MICS5)*. Bissau. UNICEF/INE

Vandermeersch, C. (2002). Les enfants confiés âgés de moins de 6 ans au Sénégal en 1992-1993. *Population*, 57e(4-5), 661-688. Consultado em 10 março 2018. Disponível em https://www.persee.fr/doc/pop_0032-4663_2002_num_57_4_7311

World Health Organization (2006). *Preventing child maltreatment: A guide to taking action and generating evidence*. Disponível em http://whqlibdoc.who.int/publications/2006/9241594365_eng.pdf

Zonmanigui, A. (2016). On the Talibé Phenomenon: A look into the Complex Nature of Forced child begging in Senegal. *The International Journal of Children's Rights*, 24 (1), 185-203

ANEXO I: FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO FILHO E FAMÍLIA DE CRIAÇÃO

Identificação da Criança		
Nome da Criança:		Código:
Sexo:	Data de Nascimento:	Região:
Setor:	Tabanca/Bairro:	Etnia:
Religião:	Registada: Sim ☐ Não ☐	Anda na Escola: Não ☐ N/A ☐ Sim ☐
Escolaridade:	Tem alguma deficiência ou doença crónica? Não ☐ Sim ☐	Nasceu na Região?
	Qual? _____	Setor? Tabanca/Bairro?
A criança tem conhecimento que é Filho de Criação? Sim ☐ Não ☐ Se não, porquê?		
Que idade tinha a criança quando foi entregue para criação?		

Identificação da Família de Criação			
Nome da Criança:		Código:	
Nome do Pai (criação):			
Data de Nascimento:	Etnia:		Religião:
Escolaridade:		Profissão:	
Contato de Telemovel:			
Parentesco com a Criança: Não ☐ Sim ☐ Qual?			
Nome da Mãe (criação):			
Data de Nascimento:	Etnia:		Religião:
Escolaridade:		Profissão:	
Parentesco com a Criança: Não ☐ Sim ☐ Qual?			
Região:	Setor:		Tabanca:
Quantas crianças estão ao Cuidado desta Família?		Quantos Filhos de Criação?	

ANEXO II: GUIÃO DE ENTREVISTA AOS “FILHO DE CRIAÇÃO” COM E SEM CONHECIMENTO

APLICAR À CRIANÇA QUE TEM CONHECIMENTO DE QUE É “FILHO DE CRIAÇÃO”

Grupo I

1. Quem te disse que eras “Mininu di Kriason”? Como te foi contado?
2. O que é para ti ser “Mininu di Kriason”?
3. Quem foi que te trouxe para esta família? Porquê?
4. Lembras-te dos teus pais biológicos?
5. Gostarias de voltar para a tua família biológica? Porquê?

Grupo II

6. Gostas de estar nesta casa/família? Porquê?
7. O que gostas mais nesta família?
8. O que gostas menos nesta família?
9. Já conhecias esta família antes de vires viver para aqui? Se sim, como?
10. Achas que os teus pais de criação gostam e tratam de ti da mesma forma que os outros filhos deles? Dá exemplos?

Grupo III

11. Quais são as tuas tarefas de manhã, de tarde e à noite?
12. O que é que gostavas de ser quando fores grande? Porquê?

**APLICAR À CRIANÇA
QUE NÃO TEM CONHECIMENTO DE QUE
É “FILHO DE CRIAÇÃO”**

Grupo I

1. Lembras-te de ter sempre vivido nesta casa e nesta tabanca (Se não, onde e com quem)?

Grupo II

2. Gostas de estar nesta casa? Porquê?
3. O que gostas mais na tua família?
4. O que gostas menos na tua família?
5. Achas que os teus pais gostam e tratam de ti da mesma forma que os teus irmãos? Dá exemplos.

Grupo III

6. Quais são as tuas tarefas de manhã, de tarde e à noite?
7. O que é que gostavas de ser quando fores grande? Porquê?

ANEXO III: GUIÃO DE ENTREVISTA ÀS “FAMÍLIA DE CRIAÇÃO”

Grupo I

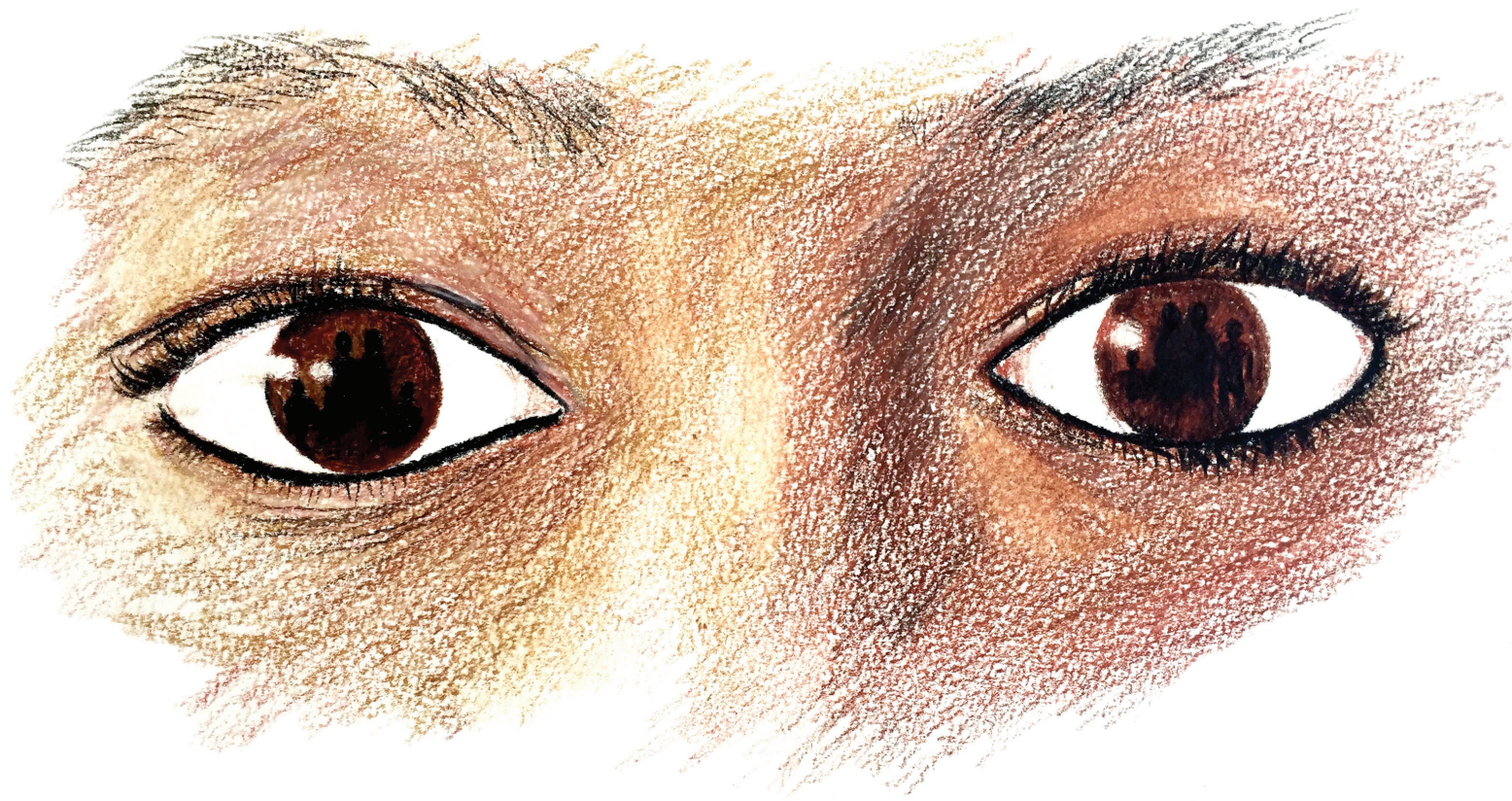
1. O que é para si ser “Filho de Criação”?
2. Porquê quis ser Família de criação do/a [nome da criança]?
3. Já conhecia os pais biológicos do/a [nome da criança]? Como?
4. Sabe qual foi o motivo para os pais do/a [nome da criança] terem dado para criação?
5. Acha que o/a [nome da criança] gostaria um dia de voltar para a família biológica? Porquê?
6. Deixaria o/a [nome da criança] voltar para a família biológica? Porquê?

Grupo II

7. Gosta do/a [nome da criança]? Porquê?
8. O que é que aprecia mais no/a [nome da criança]?
9. O que é que aprecia menos no/a [nome da criança]?
10. Acha que o/a [nome da criança] gosta de estar nesta família? Porquê?
11. Acha que trata o/a [nome da criança] do mesmo modo como trata os seus outros filhos? Porquê (dar exemplos)?

Grupo III

11. Quais as tarefas do/a [nome da criança] de manhã, de tarde e à noite?
12. O que deseja que o/a [nome da criança] seja no futuro?



FINANCIADOR:



UNIÃO EUROPEIA



IMPLEMENTADORES:

